

MINISTÉRIO DA CULTURA
Fundação Biblioteca Nacional
Departamento Nacional do Livro

POESIAS COMPLETAS

Laurindo Ribeiro

POESIAS LÍRICAS

O QUE SÃO MEUS VERSOS

Se é vate quem acesa a fantasia
Tem de divina luz na chama eterna;
Se é vate quem do mundo o movimento
C' o movimento das canções governa;

Se é vate quem tem n' alma sempre abertas
Doces, límpidas fontes de ternura,
Veladas por amor, onde se miram
As faces da querida formosura;

Se é vate quem dos povos, quando fala,
As paixões vivifica, excita o pasmo,
E da glória recebe sobre a arena
As palmas, que lhe of'rece o entusiasmo;

Eu triste, cujo fraco pensamento
Do desgosto gelou fatal quebranto;
Que, de tanto gemer desfalecido,
Nem sequer movo os ecos com meu canto;

Eu triste, que só tenho abertas n' alma
Envenenadas fontes d' agonia,
Malditas por amor, a quem nem sombra
De amiga formosura o céu confia;

Eu triste, que, dos homens desprezado,
Só entregue a meu mal, quase em delírio,
Ator no palco estreito da desgraça,
Só espero a coroa do martírio;

Vate não sou, mortais; bem o conheço;
Meus versos, pela dor só inspirados, —
Nem são versos — menti — são ais sentidos,
Às vezes, sem querer, d' alma exalados;

São fel, que o coração verte em golfadas
Por contínuas angústias comprimido;
São pedaços das nuvens, que m' encobrem
Do horizonte da vida o sol querido;

São anéis da cadeia, qu' arrojou-me

Aos pulsos a desgraça, ímpia, sanhuda;
São gotas do veneno corrosivo,
Que em pranto pelos olhos me transuda.

Seca de fé, minha alma os lança ao mundo,
Do caminho que levam descuidada,
Qual, ludíbrio do vento, as secas folhas
Solta a esmo no ar planta mirrada.

O MEU SEGREDO

I

O lume de sinistro fogo estranho
Que em meu olhar se acende;
A nuvem que de mágoas carregada
No rosto se me estende;

Esta agonia acerba que repassa
Os sons da minha lira;
Este céptico altivo horror ao mundo
Que em tudo meu respira;

Estas rugas, que trago sobre as faces,
Os modos distraídos,
A constante desordem do semblante,
Dos gestos, dos vestidos;

Revela tudo um segredo,
Que o mundo não sabe ler;
Segredo, que só com pranto
É que se pode escrever;

Segredo, que em meu futuro
Negro anátema cuspiu;
Segredo, que seduziu-me;
Segredo que me traiu.

Letras escritas com pranto
Sei que apagadas serão!
Sei que um segredo de mágoas
Nunca merece atenção!

Mas não importa; hoje quero
O meu segredo escrever;
Que guardado por mais tempo
Talvez me faça morrer.

II

Mandado do inferno
Por ímpio destino,
Um gênio mali'no
No berço me viu —
E após um instante
Haver-me encarado

Com gesto irritado,
O Gênio — o meu fado
Traçando — sorriu.

Sorriu-se... e mudados
No mesmo momento
Que o Gênio cruento,
Cruento me viu,
Em negra tristeza,
Meus gostos findaram;
Meus lábios murcharam;
Meus ais começaram;
Meu pranto caiu.

No peito inda verde
Secou-se a ventura
Daquela fê pura
Que a infância nos dá;
No espelho onde via
Em êxtase santo
Os risos, o encanto,
De um mundo, que há tanto
Não sei onde está.

Em dita tão pura
Minh'alma exultava,
E quanto alcançava
Sabia explicar;
Que, além de dar crença
A tudo que ouvia,
Por certa magia,
As cousas que via,
Sentia falar.

Se às vezes tentava
Brincar com as flores,
Revedo os labores
De um vasto jardim,
A brisa me dava,
No trânsito leve,
Um cântico breve,
Escrito na neve
De um casto jasmim.

Fugaz borboleta
Nas asas de ouro
Imenso tesouro
Deixava-me ver;
E, qual um avaro,
Sedento, inquieto,
Com ardido afeto
Atrás do inseto
Me punha a correr.

Qual boca de ninfa
Há pouco desperta,
Se rosa entreaberta

Prendia louçã,
Segredos da infância
A flor me contava,
Q'eu só escutava,
E, rindo, exclamava: —
Tu és minha irmã!...

À vista do oceano,
Imenso, ruidoso,
Que quadro assombroso
Fez meu ideal!...
Em êxtase, longo
Vi nele espantado,
Rugindo deitado,
Um monstro azulado
D'enorme cristal.

Em crua e constante,
Horrísona guerra,
In'migo da terra,
Pintou-se-me o mar —
Que fero co'as ondas
Na praia batia,
E aflito bramia,
Porque não podia
A praia arredar.

Na concha celeste
Se os olhos fitava,
Lá novos achava
Encantos também;
Nos astros eu via
De anjinhos um bando,
Que, o corpo ocultando,
Me estavam olhando
De um mundo de além.

Eu via na lua
A casa encantada,
De luz prateada
Fugindo no ar;
Asilo somente
Da fada querida,
Que vinha escondida
A gente nascida
De noite embalar.

O sol eu amava
Da tarde na hora;
Amava-o d'aurora
No fresco arrebol.
E quando a tais horas
No mar se escondia,
P'ra ele me ria,
Julgando que via
Adeuses do sol.

III

Mas esse tempo de encantos,
Que nunca julguei ter fim,
Não é hoje para mim
Mais que morta e seca flor!...
Do gênio mau completou-se
A primeira profecia:
Era o que o Gênio dizia
No seu riso mofador.

A natureza calou-se
Desde que o Gênio me viu;
Minha alma inteira sentiu
Repentina mutação,
Dei por mim em terra estranha;
Tive novos pensamentos;
Tive novos sentimentos;
Criei novo coração.

Visão do Céu... não — da terra;
Não podia ser do Céu;
Que Deus no domínio seu
Falsos arcanjos não quer;
Visão, que da natureza
Toda a graça revestia,
Por desdita vi um dia
Num semblante de mulher.

Tinha a visão tal encanto,
Que, ao vê-la, absorto fiquei;
Tanto, que não escutei
O profundo soluçar
Da inocência, que, sentindo
Da paixão a ardente calma,
Abraçada com minh'alma
Se despedia a chorar.

Vida de louco passei;
Mas achei nessa loucura
Tanto bem — tanta ventura,
Quais nunca a razão me deu;
Que, se a razão da verdade
Tem os claros resplendores, —
Amor o reino das flores
Tem todo inteiro por seu.

E a esta senda estrepada,
Que à morte os seres conduz,
O que lhe importa uma luz,
Se a não tapiza uma flor?
E se amor, além de flores,
Também possui um clarão,
Antes amor sem razão,
Do que razão sem amor.

Mas foi-se o tempo de risos
Da minha feliz loucura!...
Libei o fel da amargura
No mel de um beijo traidor!...
Do Gênio mau completou-se
A segunda profecia:
Era o que o Gênio dizia
No seu riso mofador.

Dessa profunda chaga resta ainda
Dorida cicatriz: a mão do tempo
Talvez cure-a por fim; mas não tão cedo,
Que inda verte de si pútrido sangue,
Se a magoam cruéis reminiscências
De quadra tão feliz.

IV

Outro fantasma, a glória,
Da passada visão invade o posto.

Pelos mares risonhos da esperança
Ao batel do desejo abrindo as velas
Minh'alma foi buscá-lo.
De pintor bem falaz condão tem ele
Muito para temer; do entusiasmo
Nas lavas do vulcão acende o facho,
Que os desenhos lhe aclara: esposa amante,
Dá-lhe, a imaginação, seus cofres todos,
Donde tira estampas que copia
Nas telas do futuro. De seus quadros
Na beleza enlevada a viajante
Navega sem sentir.

Eis ponto negro

No azulado horizonte surge, e estende
Asas de tempestade! Às vistas magas
Reposteiro de ferro mão ignota
Rápido corre, e presto em lastro imenso
De aguçados cachopos se convertem
As aniladas ondas. Rola o lenho
Por sobre o pedregal, e mastro e leme,
Enrolados na vela espedaçada,
O sopro de um tufão some nos ares!
Rompendo a cerração espectro em osso
De repente aparece, sacudindo
Na destra uma mortalha: envolto nela
Desceu meu pai à campa!...

Musa, basta...

Pare-se um pouco aqui; nas tuas asas,
Que não neste papel, corra meu pranto...
Apara-o, anjo meu; depois os mares
Transpõe... o lar dos mortos não te assusta —
Não é assim? Pois bem, irmã querida,

Na terra — nossa mãe — suspende os vãos;
Busca a sombria região dos túmulos,
E lá, depois de um beijo dar na campa
De nosso amado pai, depõe sobre ela
Este pranto que verto.

Enfim bonança

Ímpia resplandeceu sobre os destroços
Que fez o vendaval. Único vivo,
Em pé sobre um rochedo, contemplei-os
E ri-me... e neste riso agonizou-me
A última esperança... foi a síntese
De minha vida inteira; — estreita fresta
Por onde, desmaiada e quase morta,
Minh'alma um raio morno
De prazer sepulcral mandava ao mundo.

E o Gênio, que viu meu berço,
Dentre os cachopos surgiu,
E olhando os estragos riu,
Contente de minha dor.
Do Gênio estava completa
Toda inteira a profecia:
Era o que o Gênio dizia
No seu riso mofador.

V

E desde então existo, mas não vivo;
Só tenho sentimento
Nesse elo fatal por onde a vida
Se prende ao sofrimento.

Vi na infância relâmpago afogado
Em negra escuridão;
De amor nas breves ditas vil mentira,
Na glória uma ilusão.

Eis porquê, dos prazeres desquitado,
O rosto em pranto inundo;
Tudo odeio, e pareço desposado
Com seres doutro mundo.

E na verdade o estou: pena minh'alma
Nas sombras da amargura...
Homens! fugi de mim; não vos pertenço —
Sou outra criatura.

O GÊNIO E A MORTE

I

Sobre as asas de fogo
Da águia ardente que no espaço voa,
Saudado pelo cântico das aves,
De flores perfumado,

Entre nuvens de púrpura — risonho
Nos céus assoma o dia.
O exército dos astros afugentam
Seus coruscantes raios;
E passeia garboso pelo espaço,
Como triunfador pela campina,
Donde expulsara as hostes inimigas.
Lá no meio da arena do triunfo,
Como um olho de Deus devassa o mundo:
As plantas que a manhã de vida enchera,
Com seu intenso ardor, bárbaro cresta —
Qual jovem indiscreto, em loucos dias
De vulcânica idade,
No coração desseca, mata, extingue
Sentimentos que a infância alimentara...
Da glória ao grau supremo
Subiste, ó rei; humilha-te — vassalo
Também és do Senhor — descer te cumpre.
Ei-lo que abdicou — Já vai tardio
Pela estrada do ocaso, e já tristonha
Lhe escorre pelo rosto a luz enferma!
Sobre leito de chumbo se reclina, —
E, no momento extremo,
Seus olhos chamejantes
Extremo olhar saudoso à terra volvem.
Último arranco!... Cai desfalecido
Nos braços do crepúsculo.
Morreu o dia; — e a noite piedosa
Em seu manto de dó lhe envolve o túmulo.

II

Que é feito, ó Primavera,
Das frescas odoríferas grinaldas
Que a fronte te adornavam?
Murchas caíram; jazem esmagadas
Aos pés de gelo do caduco inverno!
Os pomos sazonados,
Que pendiam das árvores frondosas,
Orgulho e pompa dos alegres prados,
Ei-los dispersos pelo chão molhado
Do pranto que em tristeza o céu derrama,
Ao ver-lhe a fronte merencória e pálida,
Debruçada do cume das montanhas,
Com lágrimas saudar do sol os raios,
Qual mísero vivente, a quem torturam
As galas da alegria.
Beijada pelos zéfiros — c'roada
De viçosas capelas, — pelos bosques,
Jardins, e prados, e alcantis dos montes,
Eu a vi passear; — vi toda a terra
De flores se cobrir, trajar verduras,
Ao toque de seus passos;
Vi... mas mudou-se da estação ridente
O quadro encantador; — e já bramidos
Dos desatados temporais proclamam —
Que é morta a Primavera.

III

Morrem as estações, morrem os tempos!
Morrem os dias, como as noites morrem:
 Também acaba o homem —
E o Anjo do extermínio, desdenhoso,
Encara estultas pompas, que distinguem
O servo do senhor, o rei dos povos;
E fazendo correr-lhes pelas fronteiras
A rasoura da morte, traça o nível.
 Que cabe aos homens todos.
 Tudo no mundo expira:
Só sobranceiro à lousa o Gênio altivo
Nos vôos acompanha a eternidade!
Soberbo em seu poder persegue a morte,
 E consegue vencê-la,
 Mil vítimas lhe arranca,
E da imortalidade nos altares
 As mostra coroadas.
 Em vão do manto esqualido
A bárbara sacode o voraz verme
 No cadáver do sábio;
 Lá desce o Gênio intrépido,
Em vão as frias cinzas lhe arremessa
 Nos abismos do olvido;
E, ao lume da lanterna da memória,
Ajunta as cinzas, sopra o fogo santo
 Da santa poesia,
O sábio ressuscita e pasma o mundo!

IV

 Beleza, doce engano,
Mimo, que o tempo deu, que o tempo acaba;
Encantadora nuvem, mas efêmera,
Que da cor do pudor n'os céus vagueia,
Qual suspiro de amor que aos céus se eleva;
Beijada pelo sol, tímida aurora,
Também fenecerás! Trevas do túmulo
 Aos lumes da existência
 Sucederão funéreas;
Serão consócios teus mudo silêncio,
Sombras, escuridão, vermes, e terra.
Lestes, belas? Tremeis? Magos encantos
Baceia a mão do tempo, arrasa a campa:
Porém do Gênio à voz — curva-se o tempo:
Quebra o sepulcro a laje aos pés do Gênio.
Não!... de todo não morre uma beleza
 De um Gênio idolatrada;
Que a luz brilhante, que lhe anima os carmes
O luzento fanal, que o ilumina
 Nas borrascas da vida,
 Jamais, jamais se apaga.

V

Cidades destruídas,
Impérios derrocados,
Oh! quantas, quantas vezes
O Gênio, qual brandão, vos esclarece
As pálidas ruínas,
Lê nelas vossa glória, e vos confia
As trombetas da fama!...
Se foge a tempestade,
Se as estações revivem,
Se as noites reproduzem novos dias,
E os dias novas noites,
Servos obedecendo à voz do Eterno,
Mensageiro do Eterno o Gênio exerce
Igual poder na terra!... A Natureza,
No meio das procelas,
Se a voz lhe escuta, abandonando as fúrias,
Dissipando de um sopro atroz horrores,
Surge risonha, como à voz divina,
Saiu do caos informe, — encantadora,
Toda nua, trazendo por adornos
Nos seios o Verão, nas mãos o Outono:
Nos cabelos prendendo a Primavera,
Por chapim de cristal calçando o Inverno.
Do Gênio ouvindo o canto,
Remoçam-se as idades,
Os mortos dos sepulcros se levantam,
E vivem nova vida
Dos homens na memória.

VI

Ó Anjo das ruínas,
Voa ao teu reino, que é tarefa inútil
Extinguir o que é belo no universo,
Enquanto o lume santo
D'inspiração celeste
Mentes iluminar predestinadas.
Aos sons miraculosos
D'harpa do Gênio ressurgindo ovantes
O saber, a virtude,
Meigos encantos de gentil beleza,
Hão de zombar de ti — quebrar-te o sólio,
Calcar-te aos pés a frente.

VII

Como o gemer de vaga, que se quebra
No sopé do rochedo;
Como ribombo de trovão, que rola
Pelos longes do espaço,
Ou eco de clarim perdido em ermos,
Do Gênio a voz ecoa no infinito,
E, por ela acordada,

O semblante solene
Ergue para saudá-lo a Eternidade,
Lá soa o bronze, solfejando a nota
Da alpercata da morte sobre as campas.
O sol está no ocaso!!!
O Gênio ansioso espera
O sinal de seu vôo ao Ser Supremo.
Vede-lhe o pensamento: — é uma lira,
Donde os dedos da Fé extraem destros
Melífluos sons divinos —
São os salmos do gênio agonizante:
E a última das notas é sua alma,
Que se perde no céu! — De lá, ó morte,
Sorrindo a teu poder te desafia
Pelo raio divino armada a destra,
Dos céus abroquelado;
Enquanto cá na terra,
Sarcasmo a teu poder, seu nome troa,
Como um brado de glória, enchendo o mundo

NO ÁLBUM DUMA SENHORA

Meu nome aqui deixara solitário
Escrito nessa cor;
Com que desde nascido as faixas d'alma
Tingiu-me o dissabor;

Meu nome aqui deixara solitário
Em traço negro incerto,
Qual friso do buril da desventura
Em claro plano aberto;

A não temer que alguém, que não soubesse
O que este nome diz,
Ao vê-lo neste livro me insultasse
Chamando-me feliz.

Saiba, pois, quem o ler, que de uma Virgem
No livro afortunado
Seu nome escuro, como seu destino,
Escreve um desgraçado!

Sobre ele verta a Virgem uma lágrima
Do seu pranto celeste,
Que talvez se desbotem os negrumes
Do luto que o reveste.

Sim, ó Virgem, do pranto de teus olhos,
Concede, sim, concede
Uma lágrima triste ao pobre nome
Que lágrimas só pede!

De teus olhos quisera uma centelha
Um peito do vulcão;
Ao contrário, porém, só pede pranto
Um morto coração!

O sol ilumina, a gala ofende
Ao solo mortuário:
Só sobressaem os cristais do pranto
Dos mortos no sudário.

Eia, pois, cair deixa neste nome
O teu pranto celeste;
Que talvez se desbotem os negrumes
Do luto que o reveste.

ESTRAGOS DE AMOR

I

Miseráveis insensatos,
Escravos da formosura,
Curvados a seu aceno,
Buscáis vida no veneno
Que vos leva à sepultura!

II

Nos seus braços reclinados,
Beijando em ternos carinhos
Divinas faces mimosas,
Libais o néctar das rosas
Sem reparar nos espinhos!

III

“Oh! loucos, vede a verdade,
“Conheceí essa ilusão,
“Por que viveis seduzidos?”
Embalde contra os sentidos
Aflita brada a razão!...

IV

Nada alcança: tudo cede
Ao amoroso desmaio: —
Lumiando o par gentil,
Brilha amor como um fuzil,
Mas ao fuzil segue o raio.

V

Lá do monte da esperança
Cresta o fogo as verdes fraldas;
E de quanto possuía
Só conserva a fantasia
Secas, dispersas grinaldas.

VI

Suspeitas, tiranias serpes,
Nos peitos cravando os dentes,

Com seu sangue se alimentam;
Das chagas chamas rebentam,
Das chamas novas serpentes.

VII

Em furor e desespero
Começa o triste a chorar,
Vendo a estrada que seguiu;
Morde o laço em que caiu,
Mas não pode-o desatar!...

VIII

A razão, para vingar-se,
Mais aumenta o seu flagício,
Com semblante inexorável,
Muda, surda, imperturbável,
Assistindo ao sacrifício.

IX

Tudo é dor, tudo agonia,
E queixumes contra o fado;
Suspiros e pranto ardente,
Desespero no presente,
Saudades pelo passado!...

X

Té que vai desabrochando,
Pelo pranto d'aflição
Regada continuamente,
Do desengano a semente
Nas cinzas do coração.

XI

Ergue a planta a fronte altiva,
Mas de tristonha aparência;
Folhas, tronco, é toda luto;
Tem mirrado raro fruto;
Esse fruto — é a experiência. —

XII

Das ruínas levantado,
Vê-se o espírito surgir;
Vem com passo fátigado,
Como guerreiro cansado,
À sua sombra dormir.

XIII

Presto acorda, e então, cedendo
Da fome aos cruéis assomos,
Alguns ramos segurando,

Vai colhendo, e vai tragando
Os amargos negros pomos.

XIV

Comeu, ergueu-se, é já outro!
Foi-se do rosto a meiguice!
Do tronco um ramo quebrado
Serve ao triste de cajado —
Eis a imagem da velhice.

XV

Está tudo terminado!
Está completa a sentença!
Aos fogos sucedem gelos,
Que anunciam nos cabelos
A idade da indiferença!

XVI

Lá vai o velho mesquinho,
Lá vai desacompanhado,
O caminho da existência,
Nutrido pela exp'riência,
Ao desengano arrimado.

XVII

Só seus pés tocam a terra,
Os olhos do céu na luz,
Entregue a culto profundo,
Lá vai, fugindo do mundo,
Cair nos braços da Cruz.

XVIII

Lá expira... mas dizei-lhe —
Amor! Vereis num transporte
Como seus olhos cintilam,
Como a um tempo se aniquilam
Todas as forças da morte!!...

XIX

É que amor inexorável
Nos seus planos iracundos,
Se os mortais torna cativos,
Nem minora o mal dos vivos,
Nem respeita os moribundos.

XX

Restaura as forças da vida,
Não nos consente morrer;
Porque lá nas sepulturas
Seus tormentos e torturas

Não se pode padecer.

XXI

Envenenados farpões
Nos manda em suspiros ternos;
Cinge aos olhos mago véu,
E pelos jardins do céu
Nos encaminha ao inferno.

XXII

Fugi, humanos!... fugi
De seu veneno traidor!
Sem culto, desamparados,
Sumam-se, ao tempo votados,
Altars, templos de Amor...

A MINHA RESOLUÇÃO

O que fazes, ó minh'alma!
Coração, por que te agitas?
Coração, por que palpitas?
Por que palpitas em vão?
Se aquele que tanto adoras
Te despreza, como ingrato,
Coração, sê mais sensato,
Busca outro coração!

Corre o ribeiro suave
Pela terra brandamente,
Se o plano condescendente
Dele se deixa regar;
Mas, se encontra algum tropeço
Que o leve curso lhe prive,
Busca logo outro declive,
Vai correr noutra lugar.

Segue o exemplo das águas,
Coração, por que te agitas?
Coração, por que palpitas?
Por que palpitas em vão?
Se aquele que tanto adoras
Te despreza, como ingrato,
Coração, sê mais sensato,
Busca outro coração!

Nasce a planta, a planta cresce,
Vai contente vegetando,
Só por onde vai achando
Terra própria a seu viver;
Mas, se acaso a terra estéril
Às raízes lhe é veneno,
Ela vai noutra terreno
As raízes esconder.

Segue o exemplo da planta,
Coração, por que te agitas?
Coração, por que palpitas?
Por que palpitas em vão?
Se aquele que tanto adoras
Te despreza, como ingrato,
Coração, sê mais sensato,
Busca outro coração!

Saiba a ingrata que punir
Também sei tamanho agravo:
Se me trata como escravo,
Mostrarei que sou senhor;
Como as águas, como a planta,
Fugirei dessa homicida;
Quero dar a um'alma fida
Minha vida e meu amor.

A LINGUAGEM DOS TRISTES

Se houver um ente, que sorvido tenha
Gota a gota o veneno da amargura;
Que nem nos horizontes da esperança
Veja raiar-lhe um dia de ventura;

Se houver um ente, que, dos homens certo,
Neles espere certa a falsidade;
Que veja um laço vil num rir de amores,
Uma traição nos mimos da amizade;

Se houver um ente, que, votado às dores,
Todo com a tristeza desposado,
De cruéis desenganos só nutrido,
Somente males a esperar do fado;

Que venha, acompanhar-me na agonia,
Qu'esta minh'alma, sem cessar, traspassa!
Venha, qu'há muito luto, a ver se encontro
Quem sinta, como eu, tanta desgraça

Venha, sim, que talvez por nosso trato
Uma nova linguagem seja urdida,
Em que possam falar-se os desgraçados,
Que do mundo não seja traduzida.

Por lei inexorável do destino,
Quem gemer à desgraça condenado,
Inda lidando no lidar do mundo,
Há de viver do mundo desterrado.

E em que desterro! Os outros só nos tiram
Os olhos do lugar do nascimento;
A desgraça, porém, do mundo inteiro
Desterra o coração e o pensamento.

Ao menos a linguagem deste exílio

Mais suportável torne a vida crua;
Tenha ao menos a terra da desgraça
Uma linguagem propriamente sua.

E quem tê-la melhor? Por mais que fale
O sedutor prazer em frase ardente,
Por mais que se perfume e se florei,
Nunca é, como a dor, tão eloqüente.

Nos fenômenos d'alma o corpo sempre
Do seu modo de obrar diversifica:
Pelas quebras da orgânica fraqueza
A força esp'ritual se multiplica.

Quando, livre, o esp'rito aos céus remonta,
Da Eternidade demandando o norte,
Toda força primeva recobrando —
Tomba a matéria, e cai nas mãos da morte!

Quando o gás do prazer dilata o seio,
A força do sentir dormente acalma;
Quando a pressa da dor o seio aperta,
A força do sentir se expande n'alma.

Assim novas palavras, novas frases,
Nova linguagem, pede o sofrimento;
Porque dobra o sentir, e duplas asas
P'ra vôos duplos colhe o pensamento:

Não, não pode em seus termos quase inertes,
Esse falar comum de cada dia,
Deste duplo sentir, d'idéias duplas,
Expressar fielmente a valentia.

Enganai-vos, ditosos! Vossas falas,
Anos que falem, nunca dizem tanto,
Quanto num só momento dizer pode
Um suspiro, um soluço, um ai, um pranto.

Eia, pois, tristes! eia!... desde agora
Uma nova linguagem seja urdida,
Em que possam falar-se os desgraçados,
Que do mundo não seja traduzida.

Veja o mundo, de gozos egoísta,
Qu'os tristes nada têm de suas lavras:
Que, orgulhosos na pátria da desdita,
Nem dos ditosos querem as palavras.

A JOSÉ PEDREIRA FRANÇA¹

I

¹ Oferecido ao amigo José Pedreira França por ocasião do seu aniversário.

Um dia natalício em quantas faces
Se pode desenhar!
Que cenas de prazer e de pesares
Nos pode retratar!

Anel d'oiro, ou de ferro, anel d'estala,
Na cadeia da vida;
Marco de légua pela morte ganha,
E para nós perdida.

Origem de uma fonte que começa
Onde outra terminou;
Berço de um tempo, mas também sepulcro
De um tempo que passou!

Porém por que razão sempre festivo
Se mostra o rosto seu? —
Porque o ano que nasce esquecer deixa
O ano que morreu:

Porque enquanto na estrada da existência
A humanidade avança,
Deixa sempre olvidar os desenganos
Co'os olhos na esperança.

Mas o tempo, que corre desta sorte
P'ra todos os humanos,
Oh! Pedreira feliz! — mudou de aspecto
No curso de teus anos.

O tempo, que se passa inertemente,
Tem vida transitória;
Mas o tempo contado por virtudes
Tem sempre eterna glória.

Não serão pois cobertos os teus anos
Do olvido pelo véu:
Quando morram na mente dos ingratos,
Com Deus serão no céu.

Não tens áureos brasões por hábil destra
Com arte burilados;
Não cinges toga ilustre, nem tens nome
No rol dos purpurados;

Porém, sem as virtudes qu'em tu'alma
Existem engastadas,
São títulos, brasões, fama, riquezas,
Misérias enfeitadas.

São flores sem aroma, e cujo viço
Efêmero não dura;
Fosfóricos fanais, que a sorte acende,
E apaga a sepultura.

Que sempre encares com igual semblante
O Céu — e o Céu propício

Não deixe a menor nuvem de desgosto
Turvar teu natalício —

Tais são os votos meus, nunca inspirados
Por vil adulação;
Quando minh'alma os escreveu, a pena
Molhou no coração.

Tais são os votos meus na voz expressos,
De frouxa poesia,
Que verte a lira pouco acostumada
Aos hinos d'alegria;

Filha de um estro fraco e perseguido
Por fado sem piedade,
Vagando peregrino em terra estranha
Nos ermos da saudade.

II

Mas inda que a sorte
Um estro me desse,
Que aos astros pudesse
Teu nome elevar;
Enquanto vir triste
Com dores pungentes
A pátria em correntes,
Não posso cantar.

Não posso cantar;
Enquanto vir bravos
Rojar como escravos
Infame grilhão:
Curvando a sicários
A fronte sublime!
Submissos, sem crime,
Pedindo perdão!

Não posso cantar,
Enquanto um malvado
Poder infamado,
Audaz, sem pudor,
Com seu bafo infecta
Brasílio horizonte,
Trazendo na frente
— Prevaricador —;

Enquanto essa gente,
Tão ímpia e tão vil,
Meu caro Brasil
Puder governar;
Co'a pátria inundada
De luto e de pranto,
Não posso ter canto,
Não posso cantar.

Porém se algum dia

O fero domínio
Do ímpio extermínio
Tiver de morrer;
Se o povo, esquecido
De loucos enganos,
Um dia os tiranos
Quiser abater;

Se um dia, cansada
De tanta maldade,
Soltar Liberdade
Seus raios da mão,
E os ceptros pesados
Dos reis fermentados,
Por eles fundidos,
Rolarem no chão:

E as nossas campinas
E prados virentes,
E os céus de contentes,
Trajados de azul.
Ouvirem os hinos
Da livre corte
Da parte do Norte,
Da parte do Sul;

E os grandes Andradas,
Canecas, Machados
E mais nomeados
Por alto valor,
De lá do Empíreo
Tais cantos ouvindo,
Saudarem, se rindo,
Seu povo senhor;

Então minha lira,
Coberta de flores,
Já livre, louvores
Podendo entoar,
Aos doces encantos
Da quadra formosa
Virá sonora
Teus anos cantar.

EPICÉDIO
À MORTE DO DR. JOSÉ DE ASSIS ALVES BRANCO MUNIZ²

I

Morreu, enfim, morreu! Aquele Gênio,
Para quem pareceu pequeno o mundo,
Por milagre da Morte limitou-se
A um pedaço de terra! Ali com ele
Ricos tesouros de um futuro imenso,

² Poesia oferecida a Luís Maria Muniz Barreto em decorrência da morte de José de Assis Alves Branco Muniz Barreto.

De mil triunfos avultadas palmas,
De glória mil coroas, tudo encerra,
Aquele estreito chão no seio estreito!
São um mistério as dimensões de um tum'lo!
Morreu! aquela mágica trombeta,
Que, das leis em defesa trovejando,
Fez tremer e tingiu da cor do medo
De protervos mandões soberbas fronte,
Jaz por terra calada! Aquela boca,
Que em turbilhões sonoros de eloquência
Raios vibrava, gélida mordança
Para sempre fechou! O caudal rio,
Que no curso afanoso prometia
Tanta fertilidade ao pátrio solo,
Seca total sorveu! Por que, ó Pátria,
Não pôde o pranto teu de novo enchê-lo?
Por que não pôde fêrvido caindo
Sobre a fatal mordança derretê-la,
E de novo acordar da tuba as vozes?
As entranhas da morte são de pedra;
Coração jamais teve a hidra ímpia;
Carnes humanas come, bebe lágrimas;
Só respira suspiros dolorosos
E ais agonizantes; comovê-la
Não pode a tua dor aflita, Pátria!
Hás de vê-la dormindo aos ecos dela,
E o mostro rir-se de prazer cruento
Ao ver o pranto teu banhar-lhe o sólio.
Mas não te desesperes, Mãe querida,
Há nos cofres da dor certos segredos
Que os míseros só sabem. São amigos,
Amigos bem fiéis da mágoa os filhos.
Um gemido consola outro gemido,
Uma lágrima outra. Desde o berço
Para eterno chorar n'alma cavou-me
Da desgraça o punhal fontes de pranto,
Que de Assis pela morte transbordaram.
Pátria! seremos sócios na amargura!
Baga com baga juntas, nossas lágrimas —
Cristalina torrente de saudades —
Unidas regarão do Herói a campa.

III

Fatal pressentimento deste golpe
Três vezes tive; adivinhei três vezes
Do sábio moço a prematura morte!

IV

Eu o vi inda imberbe num combate
Desses em que são almas — combatentes,
E a intel'gência — espada: os sacros foros
Da ciência da vida defendia,
Dando vida à ciência. Extasiado,
Qual uma ave rasteira, que contempla
Condor gigante, que nos vãos roça

No semblante do sol soberbas asas,
Bebi-lhe os rasgos da atrevida mente;
E concentrado em mim, disse comigo: —
Não pode viver muito!

V

Correm tempos:
Para o campo da imprensa denodado
Se arroja o lidador. D'entusiasmo
Aceso e de prazer, banhei minh'alma
Na luz dos seus escritos. Cada linha
Que deles lia atento me mostrava
Uma estrada de glória ao novo Gênio!
Cada palavra sua era uma pegada
Do progresso a correr, e cada sílaba
De patriotismo ardente uma centelha
Que do saber ao sopro cintilava.
Vi-o, e pasmei de o ver, assim tão jovem;
E, concentrado em mim, disse comigo: —
Não pode viver muito!

VI

Na Tribuna,
Prometendo um Demóstenes futuro,
O jovem aparece; e vi o povo
Imenso, pasmo, imóvel, todo ouvidos
A vê-lo combater, e Paladinos
Formidáveis caindo aos golpes dele!
Vi sobr'ele lançando olhares torvos,
Trêmulos d'ira, os Áulicos ralarem-se,
Quando um sarcasmo seu rápido e fino,
Voando num motejo improvisado
De leve sulco de um sorriso irônico
Nos corações de orgulho intumescidos
Lhes mastigava as fibras da vaidade.
Vi, e vi muitas vezes, confundidos
Ante o moço orador os Mandatários
Do despotismo, quando pretendiam
Seus golpes rebater, presas as línguas,
Disparatado o curso das idéias,
Perderem-se de todo, e dar-lhe humildes
O vergonhoso culto do silêncio.
Vi-o, e pasmei de o ver, assim, tão jovem;
E, concentrado em mim, disse comigo: —
Não pode viver muito!

VII

Um quê bem certo
Para tanto dizer razão me dava.
Todo o sublime para o Céu deriva:
Era muito pequeno um crânio humano
Para tal pensamento. De seus vãos
Ao forte embate, as molas da matéria
Estalam cedo, quando o gênio é grande.

VIII

A fatal profecia está completa!
O prisma, que três faces tão brilhantes
Ao sol do novo mundo apresentava,
Despedaçado está, ou refletindo
Cores da eternidade à luz das campas!

IX

Morreu!... porém na hora derradeira
Inda resplandeceu! O homem justo,
Entre as vascas do eterno passamento,
Em ânsias e fadigas se atribula,
Mas no momento de deixar a terra,
Para voar a Deus, forças recobra,
E como astro da fé no céu da morte,
Qual em vida luziu, luzindo acaba.
E como a luz, que triste bruxuleia
Prestes a se apagar, mas no lampejo
Da convulsão final aviva o lume,
E com dobrado esplendor expira.
É como o sol no ocaso enlanguescido,
Que desmaiado arqueja agonizante
Do mar nas ondas apagando os raios,
Mas que altivo e zeloso de seus foros,
P'ra morrer como sol, antes que morra

Com duplicada luz alaga o mundo.
Assis assim morreu. Na ânsia extrema
Da mortal agonia, toda inteira
Su'alma concentrada num só ponto
Para da carne disparar seu vôo,
Luz celeste expandiu; ao clarão dela
O mundo apareceu-lhe como um doudo
Enfeitado, brincando co'as alfaias;
Sorriu-se, desprezou-o, e seu desprezo
Todo se traduziu nessa sentença,
Com que sábio fechou, morrendo sábio,
O livro d'ouro da existência sua.

X

O amor paternal, da esposa o pranto
Também dos olhos pranto lhe arrancaram...
Mas nunca tocar pôde o desespero,
De leve nem sequer, naquele peito
Ungido em fé cristã. Da Providência
Viu as mãos postas sobre as frentes de ambos —
E creu e resignou-se.

XI

Esses fantasmas
Tristes, negros, medonhos, vaporosos,
Que na hora final o ímpio cercam,

Sôfregos, como abutres esfaimados
Farejando-lhe o leite, dele
Nem ousaram fitar; visões celestes
Nas madornas da morte o embalavam.

XII

Quebradas as cadeias que a prendiam,
Livre, das penas sacudiu o barro,
E em leve adejo penetrou sua alma
As áureas portas da cidade eterna
Entre aplausos risonha; e o seu arcanjo,
Ao dar conta ao Senhor da missão alta
De a guardar sobre a terra, as níveas asas
Mostrou tão limpas, quais do céu trouxera.

XIII

Chora, ó pátria, lamenta a infausta perda;
Mas consola-te ao menos com lembrar-te
Que teu filho desceu sem mancha ao túmulo.
Morreu!... mas grande foi. Da liberdade
Filho amante nasceu; dela soldado,
Morreu firme em seu posto. Da ciência
Candidato fiel, morreu filósofo.
Era uma planta de primor nascida
Em campo estéril, pedregoso e imundo;
Mas tão cheia de vida, qu'inda nova
E em terreno tão mau, brotava aos centos
Do tronco verde vigorosos ramos;
Ramos cobertos de formosas flores,
E curvados de frutos. Encantado,
De a ver assim tão bela, o Rei Celeste,
Antes que envenenada percesse
No solo ingrato, transplantou-a em breve
Para os pomares seus.

XIV

Pátria, teu choro,
Merecem, mais que o morto, os filhos vivos.
Ai! tristes dessas plantas que ficaram
No campo estéril, pedregoso e imundo!
Pela má região contaminados,
Raça degenerada os dias contam
Por ampulhetas grávidas de crimes.
Começa a punição. Esse do Egito
Anjo exterminador está conosco;
Cada dia, um a um, nos vai ceifando
Da liberdade os filhos primogênitos.
Assim a espada da justiça eterna
Invisível nos fere, inopinada:
Assim os tetos da cidade ímpia,
Do Senhor pela ira arremessado,
Sem fuzil nem trovão, mudo, imprevisto,
O raio punidor fulmina e abate.

SOBRE O TÚMULO DO MARECHAL LABATUT

I

Eis as cenas do mundo! A mesma liça
Que o viu pela vitória laureado,
Donde nos brados dos canhões acesos
Da glória aos penetrais mandou seu nome,
Veio (Grandes ouvi!) pedir, mendigo,
Uma esmola de terra!!

II

E quem o fez mendigo, sepultura
Estrangeira buscar!? Não cerra França
Aos mortos filhos seus braços maternos!
Mas não é outra a pátria do soldado
Que o campo do triunfo, e esta terra
Barateou seu sangue p'ra comprá-la.

III

Foi ele neste campo o mestre e o guia
De uma raça de heróis em cujas veias
Fervia com o sangue o amor da Pátria!
Aqui, por sobre as frentes inimigas
Passando como um raio

Que ao mesmo tempo espalha luz e morte,
Os servos fulminando,
Sua espada de bravo a um bravo povo
Aqui viu esse povo
Decidido no empenho de ganhá-la,
Como um leão bramindo engolir chamas,
E vomitar na frente do tirano

Que tentava enfreá-lo!
Aqui o viu c'roado
De cívicas verbenas
Com as cadeias fundidas

No fogo do combate
O crânio esmigalhar do despotismo:
E a horda escrava que servia o monstro
Fugitiva a correr, lançar-se às ondas,
Ou cair tropeçando nas espadas.
Sentado em sua tenda de guerreiro
Aqui nos braços recebeu do amigo

Os parabéns alegres,
Que rindo repartiu com seus soldados,
E descansou, dormindo aos sons festivos
Dos hinos marciais, que aos Céus levavam
Entre vivas seu nome. Aqui... Não, cinzas,
Aqui, perante os netos generosos
Que gratos hoje vêm dar-vos seus cultos,
Da traição dos avós não falaremos.
Do cristão sobre a campa a caridade
Com letras imortais perdão escreve: —
Perdão para os ingratos!!!

IV

Neste campo,
Em que se lhe marcou n'um ponto misto
Seu ocaso e nascente, resumiu-se
A sua vida inteira. Mais que a França
Foste-lhe Pirajá: a França apenas
Deu-lhe a luz da existência, e tu lhe deste
A imortalidade!

V

E sempre grato
Te foi o teu herói. Nas densas trevas
Da imensa eternidade, porta incerta
Da morte tateando, não perdia
De vista o Pirajá. “Amados campos
“Do meu melhor passado”, soluçando
Com voz fraca exclamou, “solo onde as palmas
“Colhi, que tão sedento cobiçava
“Nos meus sonhos de glória, lá deixei-vos
“A minha alma plantada! Ah! quem me dera,
“Quando ele se partir, que mão amiga

“Lá plante o meu cadáver!”
Felizmente esta prece foi gravada
Num coração de ouro. Quem é ele?
Quereis dizer seu nome? — nomeai-o,
Mil tít'los lhe juntai: quanto ao poeta
Basta chamá-lo — amigo.

VI

Satisfez-se
A vontade final do moribundo.
Dormir veio o soldado o sono eterno
À sombra de seus louros.

VII

Eis aqui Labatut. Aguiar, Siqueira,
Jacome, abraçai vosso irmão d'armas!
Eis vosso General!! Mortos soldados,
Que sem campas errais, das andrajosas
Fardas que vos serviram de mortalha
A terra sacudi! vinde prostrar-vos
Aqui em continência ante seus manes,
Veteranos da nossa independência!
Braços cortados do possante corpo
Que o trono levantou da liberdade,
Vinde, vinde verter sobre esta pedra
Uma lágrima, vinde! Enfeita o pranto
Um semblante tostado nos combates,
Quando é vertido assim.

Povo, se és grato,
Só te não satisfaças com trazê-lo,
Dentro em teu coração leva este túmulo.

ADEUS AO MUNDO

I

Já do batel da vida
Sinto tomar-me o leme a mão da morte:
E perto avisto o porto
Imenso nebuloso, e sempre noite,
Chamado — Eternidade!
Como é tão belo o sol! Quantas grinaldas
Não tem de mais a aurora!!
Como requinta o brilho a luz dos astros!
Como são recedentes os aromas
Que se exalam das flores! Que harmonia
Não se desfruta no cantar das aves,
No embater do mar, e das cascatas,
No sussurrar dos límpidos ribeiros,
Na natureza inteira, quando os olhos
Do moribundo, quase extintos, bebem
Seus últimos encantos!

II

Quando eu guardava, ao menos na esperança,
Para o dia seguinte o sol de um dia,
De uma noite o luar para outras noites;
Quando durar contava mais que um prado,
Mais que o mar, que a cascata erguer meu canto,
E murmurá-lo num jardim de amores;
Quando julgava a natureza minha,

Desdenhava os seus dons: ei-la vingada:
Cedo de vermes rojarei ludíbrio,
E vida alardearão fracos arbustos
Sobre meu lar de morto! A noite, o dia,
O inverno, o verão, a primavera,
A aurora, a tarde, as nuvens, e as estrelas,
A rir-se passarão sobre meus ossos!
Não importa: não é perder o mundo
O que me azeda os pálidos instantes
Que conto por gemidos. Meu tormento,
Minha dor, é morrer longe da pátria,
Da mãe, e dos irmãos que tanto adoro.

III

Quando da pátria me ausentei, não tinha
Nada, que lhes deixar, que lhes dissesse
O que eram eles dentro de minh'alma.
Mendigo, a quem cedi pequena esmola,
Deu-me quatro sementes de saudades;
Ao meu jardim doméstico levei-as,
Cavei, reguei a terra com meu pranto,
E plantei as saudades. Soluçando
Chamei ali os meus: "Aqui vos deixo
(Disse apontando à plantação) "em flores
"Minh'alma toda inteira; aqui vos deixo
"Um tesouro enterrado. Jóias, oiro,
"Riquezas, não, não tem, porém na terra
Estéril não será." Ondas de pranto
Afogaram-me a voz: houve silêncio;
Palpei de novo o chão; vi que de novo
Cavado estava! A terra se afundara,
E as sementes nadavam sobre lágrimas,
Que minha mãe e minha irmã choravam...
Replantei-as, orei, beijei a terra,
E parti... Trouxe d'alma só metade;
E o coração?... deixei-o num abraço.

IV

Certo estou de que a planta, já crescida,
Terá brotado flor. Se ao menos dado
Me fosse colher uma... ver a terra
Pelo pranto dos meus santificada!
Se uma dessas saudades enfeitar-me
Viesse a minha essa, ou meu sudário,
Ou, pela mão materna transplantada,
Encravar-me as raízes no sepulcro...
É tão pouco, meu Deus!!... Eu não vos peço
Soberbo mausoléu, estátua augusta
De túmulo de rei. Assaz desprezo
Esses gigantes de oiro
Com entranhas de pó. Mortalha escassa
De grosseiro burel, que bordem lágrimas;
Terra só quanto baste p'ra um cadáver,
E as minhas saudades, e entre elas
Uma cruz com os braços bem abertos,

Que peça a todos preces. Terra, terra
Perto dos meus e no terraço da pátria,
É só quanto suplico.

V

A morte é dura,
Porém longe da pátria é dupla a morte.
Desgraçado do mísero, que expira
Longe dos seus, que molha a língua, seca
Pelo fogo da febre, em caldo estranho;
Que vigílias de amor não tem consigo,
Nem palavras amigas que lhe adocem
O tédio dos remédios, nem um seio,
Um seio palpitante de cuidados
Onde descansa a lânguida cabeça!

Feliz, feliz aquele, a quem não cercam
Nesse momento acerbo indiferentes
Olhos sem pranto; que na mão gelada
Sente a macia destra d'amizade
Num aperto de dor prender-lhe a vida!

Feliz o que no arfar da ânsia extrema
De desvelada irmã piedoso lenço,
Úmido de saudades vem limpar-lhe
As frias bagas dos finais suores!

Feliz o que repete a extrema prece,
Ensinada por ela, e beijar pode
O lenho do Senhor nas mãos maternas!

Desgraçado de mim!... Talvez bem cedo
Longe de mãe, de irmãos, longe da pátria
Tenha de me finar... Ramo perdido
Do tronco que o gerou, e arremessado
Por mão de Gênio mau à plaga alheia,
Mirrarei esquecido! Os céus o querem,
Os Céus são imutáveis: aos decretos
Do Senhor curvarei a fronte humilde,
Como cristão que sou. Eternidade,
Recebe-me a teu bordo!... Adeus, ó mundo!

VI

Já sinto da geada dos sepulcros
O pavoroso frio anregelar-me...
A campa vejo aberta, e lá do fundo
Um esqueleto em pé vejo a acenar-me...
Entremos. Deve haver nestes lugares
Mudança grave na mundana sorte;
Quem sempre a morte achou no lar da vida
Deve a vida encontrar no lar da morte.

Vamos. Adeus, ó mãe, irmãos, e amigos!
Adeus, terra, adeus, mares, adeus, céus!...
Adeus, que vou viagem de finados...

Adeus... adeus... adeus!

Adeus, ó sol que, amigo iluminaste
Meu pobre berço com os raios teus...
Ilumina-me agora a sepultura: —
Adeus, meu sol, adeus!
Florezinhas, que quando era menino
Tanto servistes aos brinquedos meus,
Vegetai, vegetai-me sobre a campa: —
Adeus, flores, adeus!

Vós, cujo canto tanto me encantava,
Da madrugada alígeros orfeus,
Uma nênia cantai-me ao pôr da tarde:
Passarinhos, adeus!

Vamos. Adeus ó mãe, irmãos, e amigos!
Adeus, terra, adeus, mares, adeus, céus!...
Adeus: que vou viagem de finados!...
Adeus!... adeus!... adeus!

A MINHA VIDA

I

Este mundo é-me um deserto
Por onde um vulcão passou,
E gravada a minha história
Em traços negros deixou.

São-lhes tetos bronzeados
Escuros, medonhos céus,
Onde bramam tempestades
Em contínuos escarcéus.

Só, por ele vai minh'alma,
Nos destroços tropeçando,
Com passo tardio e incerto
Tristemente caminhando.

Marcha... marcha... enfim, cansada
De tão longo caminhar,
Nalguma pedra que encontra
Descansa, e põe-se a chorar.

Olha o céu... nem uma estrela!
Olha a terra... é negro chão!
Clama em brados por socorro,
Só responde o furacão!

Nos olhos seca-lhe o pranto...
Continua a caminhar,
E noutra pedra distante
Descansa, e põe-se a chorar.

II

É triste o seu fadário: mas ao menos
Oh! bálsamo do céu, piedosas lágrimas!
Da infeliz peregrina a dor pungente
Um pouco mitigais.

E só me alento

Quando posso chorar: são meus prazeres
Um banquete de lágrimas! Mil vezes
Alegre ter-me-ão visto entre os alegres,
Conversando, soltar ditos chistosos
A rir e fazer rir. Um drama a vida
Não é? Porque julgar-se do semblante,

Do semblante, essa máscara de carne
Que o homem recebeu para entrar no mundo,
O que por dentro vai? É quase sempre,
Se há estio no rosto, inverno n'alma.
Confesso-me ante vós; ouvi, contentes!
O meu riso é fingido; sim, mil vezes

Com ele afogo os ecos de um gemido
Qu'imprevisto me chega à flor dos lábios;
Mil vezes sobre as cordas afinadas
Que tanjo, o canto meu acompanhando,
Cai pranto. Oh! praza ao céu qu'inda o não visseis!

Eu me finjo ante vós, que o fingimento
É no lar do prazer prudência ao triste.
Louco fora por certo o que cantasse
D'exéquias hino em bodas: ou de noiva,
Qu'em transportes de amor o esposo abraça,
Crepe de viuvez lançasse ao tálamo.
Eu me finjo ante vós porque venero
O sublime das lágrimas; conheço-as;
São modestas Vestais, vivem no ermo,
Aborrecem festins; olhos que o fogo
Do banquete acendeu-lhes são odiosos:
Descidas lá do céu, Virgens do Empírio,
Têm vestes de cristal, temem manchá-las.
Bem fechadas nos claustros de meus olhos,
Dentro em meu coração hei de escondê-las,
Guardá-las bem de vós, contentes, hei-de,
Porque a dor me não traia neste empenho,
Zelosa e vigilante sentinela,
Em meus lábios trazer constante um riso.

III

Hei de fingir-me ante vós,
Porque sei que o desgraçado,
Se a desgraça não oculta,
É de todos desprezado:

Que o feliz, que goza os frutos
Dos pomares da ventura,

Não conhece o gosto acerbo
Da peçonha da amargura;

Que aos tristes consoladoras,
Palavras nos lábios seus,
São as palavras de Cristo
Na boca dos Fariseus.

IV

Nestes versos vos dou minha vida:
Minha vida, mortais, é assim:
Ante os homens um riso mentido,
Longe deles um pranto sem fim.

É veneno de arábico aroma,
Entre fumo sutil disfarçado;
É cadáver de carnes despido,
Com vestidos de gala trajado.

É sepulcro, onde, o escárnio da morte,
Mausoléu majestoso se arvora;
Morte, trevas e terra por dentro:
Vida, luzes e pompa por fora.

Nestes versos vos dou minha vida,
Minha vida, mortais, é assim:
Ante os homens um riso mentido,
Longe deles um pranto sem fim.

O QUE SOU, E O QUE SEREI! ³

I

Homens, que vedes-me a passar sombrio
Pela estrada que vai da vida à morte!
Talvez buscais saber meu *que* de vida —
O que sou, que serei, qual é meu norte.

Caso oculto de amor — certo — supondes,
Que um moço trovador é sempre amores:
Nem pode outro condão sobre seu peito,
Nem se acurva — tão cedo — a outras dores.

Julgais bem; — porém pouco... que em minha alma
Amor plantou — mais fundo — o seu feitiço:
Dai mais peso ao que eu sinto, homens, que trago
O viver, como vedes, tão submisso!

Não cuideis que o penoso sentimento,
Que toda prende a amor minha existência,
É como este sentir que todos sentem,
De um dia, sem ardor, sem veemência!

³ Poesia de Antônio Joaquim Rodrigues da Costa oferecida a Laurindo Rabelo.

Também já assim amei, se amor se pode
Chamar essa ilusão de namorado,
Mas hoje esse sentir me é tão da vida
Que, se ele me faltar, ver-me-eis finado.

II

Indagais meu sofrer! Buscai na terra
O ente mais formoso,
Aquele que do céu for mais mimoso —
Que todo meu sentir nele se encerra.

Vendo-o, formai de mim vosso juízo;
Se o encontrardes ledado,
Contai que descobristes o segredo
Do meu prazer... — vereis — sou todo riso.

Mas, se, ao contrário, virdes o quebranto
Da tristeza em seu rosto,
Julgai-me logo a padecer exposto;
Sabei logo o que sou... sou todo pranto.

Se o virdes pôr em mim seus olhos belos,
Seus lábios me sorrindo,
E seu seio a ondular cândido e lindo... —
O que eu sou — decifrai — sou todo anelos.

Se uma palavra der-me, à semelhança
Das palavras, do céu,
Do coração rasgai-me o tênue véu,
E aí lede o que sou — sou todo esp'rança!

Contemplai a que amo. — Ora em langores
Quase desfalecida;
Ora toda expressão, incêndio e vida —
E dir-me-eis se hei-de, ou não, morrer de amores.

Homens! Eis o que sou! — Dos trovadores
O que mais sofre e sente;
Por este coração, por esta mente,
Sou todo inspirações, sou todo amores!

III

Mas perguntais-me vós, porqu'inda triste
Vou caminho da vida pensativo,
Depois de o ente achar, que único deve
Por áureas sendas ao porvir levar-me?!
Por quê? Porque inda resta-me a incerteza,
Essa inimiga certa da esperança,
Que se me antolha horrenda em meus transportes!

Di-lo-ei todavia, homens (embora
Traia o meu coração neste segredo,
Que a mim só confiou), di-lo-ei — é força,
Pois o exigis, é força confessar-vo-lo —
O que serei, ouvi... é vaticínio

De um coração, a quem tornou profeta
A luz de uns olhos lá do céu descidos.

Serei Nume, ou Demônio sobre a terra...
Todo ternura e amor, ou todo cólera...
Todo venturas, ou desgraças todo.

Ser minha, ou não — eis todo o meu futuro,
Para o qual duas páginas abertas
Em perfeito contraste há neste livro
Imenso do porvir. É uma delas
Toda negra e de sangue salpicada;
A outra toda rósea, e matizada
De azul e verde, com relevos de ouro!
Destas páginas n'uma os nossos nomes,
O dela e o meu, por força hão de gravar-se.

Ver-me-eis Demônio apascentando fúrias,
Precipitado a caminhar na terra,
Como quem busca o termo da existência;
Dos olhos a saltarem-se faíscas
De loucura e furos; na destra um ferro,
Nos lábios um som único — vingança!
E assim medonho, impenetrável, louco,
Pisando por abrolhos sem senti-los,
Insensível a tudo, aos próprios crimes,
Querendo o mundo enfim todo de sangue!...
Se ela minha não for — serei Demônio!

Ver-me-eis, porém, um Nume de venturas,
Um prisma de afeições, cândidas todas,
Um poeta de amor, sorrindo à terra,
Um ente só feliz olhando encantos;
Ver-me-eis co'os olhos em seu rosto impressos,
Como os seus em minha alma impressos brilham;
Ver-me-eis co'os lábios em seus pés, e ao mundo
Entretanto c'os pés calcando a frente!!
Se Eulina minha for! — serei um Nume!!

IV

Homens! Eis meu porvir: — dos trovadores
 Ou o mais desgraçado,
Ou um Poeta mágico, inspirado,
Bebendo vida e luz num céu de amores.

Bahia, 21 de janeiro de 1855.

Antônio Joaquim RODRIGUES DA COSTA
AMOR E LÁGRIMAS⁴

Se fosse possível na minha alma
Amanhecer um dia da ventura,
Corado por um beijo de donzela
Ao despontar d'aurora...

⁴ Oferecida ao amigo e colega Manoel Bernardino Bolivar.

Se, Anjo de salvação mandado ao mísero,
Sorrindo, pelo céu jurasse a bela
Fazer-me cada vez por novos beijos
Mais rubra a cor do dia...

Se fiel companheira em toda parte
Quisesse me seguir, presa comigo,
Como um raio celeste preso a um astro
A iluminar-lhe o curso...

Se a visse, desdenhosa a mil tesouros,
Só por ter-me, deixá-los e contente
A gabar-me o sabor do pão grosseiro
Que me alimenta a vida...

Não a crera; e talvez que até julgasse
Tantas provas de amor atroz perfídia,
Se amor me não brilhasse nos seus olhos
No centro de uma lágrima.

Amor é fogo; o coração que ama
Todo nas suas chamas se evapora,
No rosto se condensa, e chega aos olhos
Em água convertido.

Que é um riso? — Um prazer. Prisão estreita
De duas almas? — Simpatia apenas:
E os abraços e beijos? — Muitas vezes
Sustento de lascívia.

Tudo isso diz amor; mas quando? — Quando,
Filho de um doce afeto que se apura
Nos cadinhos da dor, é batizado,
Num batismo de prantos.

É belo ver-se uns olhos cintilantes,
Acesos em vulcões de fogo ignoto,
A dardejar faíscas invisíveis
Que os corações abrasam:

É belo ver-se um rosto nacarado
No carmim do prazer: é belo ver-se
Partir fino coral de rubros lábios
Um *sim* d'alma saído:

Mas em rostos assim amor não fala;
E, se fala, as mais vezes diz mentiras;
E este — *sim* — que tomamos por verdade
É escárnio do crente.

Quereis vê-lo sincero? Observai-o
N'açucena de um rosto desmaiado,
Entre os lírios de uns lábios que roxeiam
Suspiros de agonia:

Nuns olhos, cuja luz crepusculante,
Entre a neve das lágrimas, pareça

Revérbero da lâmpada mortíça
Do templo da saudade.

Aí podeis lhe crer o que disser-vos,
Podeis segui-lo sem temer um crime;
Que amor, se o pranto lhe borriça as asas,
Seu vôo ao céu dirige.

A SAUDADE BRANCA⁵

Que tens, mimosa saudade?
Assim branca quem te fez?
Quem te pôs tão desmaiada,
Minha flor? Que palidez!...

Ah!... já sei: n'um peito vário
Emblema foste de amor:
O peito mudou de afeto,
E tu mudaste de cor.

Mas não; só peito animado
Por constância e lealdade,
Unida pode trazer-te
Consigo, minha saudade.

Demais tu não mudas; seja
Qual for o destino teu,
Conservas sempre o aspecto
Que a natureza te deu.

Que tens, mimosa saudade?
Assim branca quem te fez?
Quem te pôs tão desmaiada,
Minha flor? Que palidez!

Quem sabe se és flor, saudade?
Quem sabe? Da sepultura
Amor nas pedras penetra
Por milagre da ternura.

Quem sabe... (Oh! meu Deus não seja,
Não seja esta idéia vã!)
Se em ti não foi transformada
A alma de minha irmã?!

“Minha alma é toda saudades;
“De saudades morreréi” —
Disse-me, quando a minh'alma
Em saudades lhe deixei:

E agora esta saudade
Tão triste e pálida... assim
Como a saudade que geme
Por ela dentro de mim!...

⁵ Composta por ocasião da morte de sua irmã e oferecida ao amigo Antônio Augusto de Mendonça Júnior.

A namorar-me os sentidos!
A fascinar-me a razão!...
Julgo que sinto a voz dela
Falar-me no coração!

Exulta, minh'alma, exulta!...
Aos meus lábios, flor louçã!
No meu peito... Toma um beijo...
Outro beijo, minha irmã!

Outro beijo, que estes beijos
Não te proíbe o pudor;
Sou teu irmão, não te mancham
Os beijos de meu amor.

Fala um pouco. Se almas podem
Em flores se transformar,
Sendo almas encantadas,
As flores podem falar.

Mas não falas?... não respondes?...
Oh! cruéis enganos meus!
Saudade, por que me iludes?
Minha irmã!... Meu Deus!... Meu Deus!...

Minha irmã!... minha ventura,
Esperança, encanto meu!
É teu irmão quem te chama!...
Responde!... fala!... Sou eu!

Dista muito o céu da terra?
Os anjos asas não têm?
Desata um vôo, meu anjo!
Não tardes, meu anjo! Vem!

Vem! Ao menos um momento
Quero ver-te, irmã querida:
Embora, depois de ver-te,
Fique cego toda a vida.

Mas não vens? Deus te não deixa
Vir ao mundo, meu amor?
Só devo encontrar no pranto
Lenitivo à minha dor?

Ah! minh'alma desfalece...
E o coração, que apressado
Com tanta força batia,
Mal palpita... está cansado.

Muda, sem termos, nem vozes
Me vai ralando a agonia:
A tempestade de angústias,
Mudou-se em melancolia.

Que é isto?! Como tão negro

Ficou-me todo o horizonte!
Que suor me banha o rosto!
Que peso sinto na frente!

Ah! meu Deus! graças! aos olhos
O pranto sinto chegar;
Se a boca não fala, ao menos
Os olhos podem chorar.

Nós temos duas saudades;
Uma de sangue ensopada
Pela mão do desespero
No seio d'alma plantada;

Outra da melancolia
Toma o gesto, e veste a cor,
Exangue, pálida e fria,
Mas calada em sua dor.

Parece que a natureza
Quis provar esta verdade,
Quando diversa da roxa
Te criou, branca saudade.

FRANCISCO MUNIZ BARRETO ⁶

I

Dizer não posso o que és, o que é teu canto,
Que o diga o Sol da Pátria
Nos céus aos astros, quando, derramando
A luz que neles bebe,
Os astros vê nadando em novos lumes!

Que o diga a Primavera
Nos prados e nos montes,
Nos jardins, nas searas
Descuidada deixando cair flores,
E aparando teus versos no regaço.

Que o diga em noite estiva,
A Lua melancólica,
Pálida — imóvel — a chorar ternuras,
Ouvindo-te saudosa — enamorada
Uma canção de amores.

Que o digam essas brisas tão suaves
Que ao viajor cansado, em nossos bosques,
Refrigeram, deleitam, enfeitiçam,
Trazendo-lhe o aroma que desprendem
As flores bafejadas por teu estro.

Que o digam a escutar-te, quando altissono

⁶ Oferecida ao amigo e mestre Francisco Muniz Barreto.

Nos narras inspirado
Dos livres os triunfos, glória, e brios,
A liberdade rindo,
E o terror a tremer nas faces frias
Dos pálidos tiranos.

Que o diga amor, e escreva
Nos troféus que levanta,
Quando, tangendo as cordas
Da lira de diamantes,
Rendidos corações arrastas presos
Nos grilhões de teu canto até seu sólio.

Diga a mulher enfim, — não a que nutre
Nos olhares ardentes de volúpia
A chama impura das paixões nocivas;
Divindade fatal, de cujos templos
A razão a fugir ao crime entrega
As aras e o turíbulo; — mas a virgem,
A virgem, que descer dos céus à terra
Por escada de flores viu o homem
No lindo sonho do dormir primeiro:
O anjo que no exílio acompanhava

O primeiro proscrito, e no pão negro,
Que lhe dera o pecado, transformou-lhe
C'um beijo em mel de rosa o fel das lágrimas:
A estrela, que, depois de conduzir-nos
Por mares de delícias,
Onde afogados de prazer morremos,
A vida nos restaura,
E de luz divinal num raio amigo
Nos embebe no seio o amor paterno.
Sim, que o diga a mulher, mas a perfeita,
A completa mulher por Deus formada,
Norma daquele cofre que devera
Arca de salvação, guardá-lo um dia,
E cuja cópia trasladaste em verso!

II

Eu não posso dizer o que é teu canto,
Nem cantar-te louvores,
Se chama etérea me acendesse o estro...
Se no meu coração vingasse ao menos
Uma flor de poesia...
Porém não vinga a flor sobre o rochedo,
Não medra a chama, nem se nutre o raio,
Nas cortadoras úmidas montanhas
De aglomerados gelos.

III

Gratidão e amizade,
Que dentro em mim se batem neste empenho,
Podem muito, Moniz, porém não podem
De um trovista, qual eu, fazer poeta,

Poetar como tu, para cantar-te!
Seja, pois, fraco e fido testemunho
De quanto por ti sinto
Este desejo que te envio.

IV

Amigo,
Do riso e da aflição me acarinhaste
Do estéril pensamento os pecos frutos;
Zeloso Mestre, as trovas me lavaste
No límpido Jordão da clara mente;
Amigo e Mestre, deixa que te chame!
— Amigo, — porque o és — minha alma o sabe;
— Mestre, — porque me pede o entusiasmo
Dizer-te como tal; porque preciso,
Um nada como sou, do mundo às portas,
Com o mérito teu cobrir meu nome.

À BAHIA

I

Se o trovador, que outrora,
Como filho querido, nos teus braços
Amorosa apertaste,
De ti merece ainda uma lembrança,
Pátria, querida pátria da minha alma,
Terreno abençoado onde, aos milhares,
Prantos que derramei brotaram risos,
Recebe neste canto um revérbero
Das chamas da amizade
Eterna que por ti arde em meu peito.

II

Ao lindo sol da glória, que teus campos
Liberal fertiliza,
Minha primeira luz não deve os raios,
Nem teus jardins me deram
Flores com que adornasse o pobre berço;
Lá das campinas tuas não medimos
Nem eu, nem sócios meus, brincando alegres
Velocidade e forças
Na carreira e nas lutas esforçados:
As mal pronunciadas
Preces minhas sumir-se no infinito
Não foram do teu céu, quando cansada
A Tarde no Ocidente despe a púrpura
Que o Nascente lhe deu, chamando-a — Aurora;
Nessa hora, em que a brisa da saudade
Suspiro da saudosa Natureza,
Com brando movimento agita as folhas
Extremas do arvoredor, os passarinhos
Volvem aos ninhos apressados vôos,
E dúbia luz, com trevas misturada,

Pouco a pouco se esvai entre as cinzentas
Montanhas vaporosas; nessa hora,
Em que todo o universo, extasiado
 Num culto involuntário,
Parece ver passar o Anjo do Tempo,
Que vai, guarda da terra, a Deus dar conta
Dos trabalhos diurnos; nessa hora,
Em que a melancolia afaga os peitos,
Em que a alma se contrai ouvindo a queda
 Do pó que mede a vida,
E, transido de mágoa, o campanário
Deixa cair as lágrimas metálicas
 No sepulcro do dia.
Amei onde nasci. Essa esperança
Tão doce e feiticeira
Que na idade viril desponta n'alma;
Essa idéia de fogo, onde releva
A mão da fantasia imagem de anjo
 Que nos seduz e arrasta,
Tive-a no meu torrão. O mesmo astro
Que no berço me viu, viu meus amores.
O ameno Mon-Serrate, a fresca Barra,
O místico Bonfim não asilaram
Meus primeiros segredos de ternura;
Essa história de enleios toda guardam
Amigas margens do meu pátrio Rio,
Que até no curso rápido desenha
 A rapidez das ditas,
Do gozo, do prazer que tive nela.
 O nascimento, a infância,
 Os primeiros amores,
Não, não te devo a ti, terra querida;
 Mas a dívida imensa
Deste amor desvelado que me deste,
Sem temor de baixeza, me consente
Chamar-te — minha pátria.

III

Quando, pela desgraça arremessado
No solo teu, sem nome, pobre enfermo,
Quase a esmolar um pão, busquei teus filhos,
Ilesos do desprezo que aos felizes
 A desgraça sugere,
 Irmãos, não só amigos,
Pais, não só protetores me abraçaram;
 As portas da ciência,
Que a chave da indigência me fechara,
 Tuas mãos generosas
Abriram francas a meu livre ingresso;
E a vida almejavas ver-me o termo
 Da difícil viagem,
Enxugar-me na frente iluminada
 O suor da fadiga,
 E a coroa de espinhos
Que a sorte me cingiu tornar de louros.

IV

O Berço do nascimento,
Ou em palácio opulento
Trajando a gala real,
Ou cama de palhas feita
Onde a escrava o filho deita
Enrolado no sendal;
O Céu que a primeira prece,
De tarde ou quando amanhece,
A criança ouvia rezar,
Quer puro, e ledó sorrindo,
Quer furioso bramindo,
Fuzilando a trovejar;
O lugar onde primeiro
O coração todo inteiro,
Amor dizendo, se abriu;
Prado florente e risonho,
Ou vale escuro e medonho,
Que sangue humano tingiu;
A pátria, enfim, tem encantos,
Tão sedutores e tantos,
Que não se pode vencer!
É uma visão divina,
Que a vida nos ilumina,
E nos segue até morrer;
Mas também o porto amigo
Onde nos braços consigo
A amizade nos levou,
E d'alma, toda chagada,
As feridas consternada
Uma por uma curou;
Onde destras apertamos
Em que pasmados achamos
O calor só natural
A chama que o céu ateia,
Quando veia, sobre veia
Sente sangue paternal;
Essa terra benfazeja,
Inda que pátria não seja,
 Igual atrativo tem;
 É o estranho protegido
 Pode, sendo agradecido,
 Chamá-la pátria também.
Lisonja, adulação, alcunhe embora,
O vulgo o puro amor que te consagro,
 O culto que te rendo;
Recebeste o meu pranto no teu seio,
Da fortuna enjeitado perfilhaste-me,
Pátria, teu filho sou, e assim te adoro.

À MORTE DE JUNQUEIRA FREIRE

Do retiro claustral cisne sagrado
 O vôo desprende!
Enchendo os ares pátrios de harmonias

Cantou, depois morreu!

Mistério! — Ave criada entre os altares,
Acaso a turba impura
Do mundo com seu bafo envenenado
Abriu-te a sepultura?!

Punindo-te o desprezo de seus lares
O Anjo de Sião
Por ordem do Senhor tão presto deu-te
A morte, em punição?!

Preso o espírito, acaso, nas cadeias
Do voto eterno e forte
Teve, na luta acerba espedaçando-as,
Por liberdade a morte?!

Mistério! — Respeitemos nesta campa
Decretos divinais!
Sobre as cinzas do morto ao vivo toca
O pranto e nada mais!

Rei que fora! — Era um servo que devia
A vida ao Senhor seu!
Seu Senhor o chamou, a voz ouviu-lhe
E pronto obedeceu!

Duvidais do que digo? — Erguei a campa...
Esse corpo o que é?!
E negareis ainda que era um servo?!
Aí tendes a libré!

Viveu como poeta, de poeta
Deixou o canto e a fama.
Inda no crânio morto tem — bem vedes —
Do louro verde a rama!

Leste-lhe a poesia? Eram arquejos
D'um coração aflito!
De uma alma que ensaiava na matéria
Os vôos do infinito!

Voou!... Cisne de luz, adeja livre
Mau grado a humanidade!
Os hinos dos arcanjos são seus hinos
Seu mundo — a eternidade!

AMOR-PERFEITO⁷

Secou-se a rosa... era rosa;
Flor tão fraca e melindrosa,
Muito não pôde durar.
Exposta a tantos calores,

⁷ Segundo o Sr. Antenor Nascentes o título dessa poesia é uma adaptação. Foi publicada na *Revista Brasileira*, tomo VI de 1880.

Embora fossem de amores,
Cedo devia secar.

Porém tu, amor-perfeito,
Tu, nascido, tu afeito
Aos incêndios que amor tem,
Tu que abrasas, tu que inflamas,
Tu que vegetas nas chamas,
Por que secaste também?!

Ah! bem sei. De acesas fráguas
As chamas são tuas águas,
O fogo é água de amor.
Como as rosas se murcharam,
Porque as águas lhes falharam,
Sem fogo murchaste, flor.

É assim, que bem florente
Eras, quando o fogo ardente
De uns olhos que raios são,
Em breve, mas doce prazo,
Te orvalhou naquele vaso
Que, já foi meu coração.

Secaste, porque esse pranto
Que chorei, que choro há tanto,
De todo o fogo apagou.
Triste, sem fogo, sem frágua
Secaste, como sem água,
A triste rosa secou.

Que olhos foram aqueles!
Quando eu mais fiava deles
Meu presente e meu porvir,
Faziam cruéis ensaios
Para matar-me. Eram raios,
Tinham por fim destruir.

Destruíram-me: contudo
Perdôo o pesar agudo,
Perdôo a pungente dor
Que sofri nos meus tormentos,
Pelos felizes momentos
Que me deram nesta flor.

Ai! querido amor-perfeito!
Como vivi satisfeito,
Quando te vi florescer!
Ai! não houve criatura
No prazer e na ventura
Que me pudesse exceder.

Ai! seca flor, de bom grado,
Se tanto pedisse o fado,
Quisera sacrificar
Liberdade e pensamento,
Sangue, vida, movimento,

Luz, olfato, sons e ar.

Só para ver-te florente,
Como quando o fogo ardente,
De uns olhos que raios são,
Em breve, mas doce prazo,
Te orvalhou naquele vaso
Que já foi meu coração.

DOUS IMPOSSÍVEIS

Jamais! quando a razão e o sentimento
Disputam-se o domínio da vontade,
Se uma nobre altivez nos alimenta
Não se perde de todo a liberdade.

A luta é forte: o coração sucumbe
Quase nas ânsias do lutar terrível;
A paixão o devora quase inteiro,
Devorá-lo de todo é impossível!

Jamais! a chama crepitante lastra,
Em curso impetuoso se propaga,
Lancem-lhe embora prantos sobre prantos,
É inútil, que o fogo não se apaga.

Mas chega um ponto em que lhe acena o ímpeto
Em que não queima já, mas martiriza,
Em que tristeza branda e não loucura
À razão se sujeita e harmoniza.

É nesse ponto de indizível tempo
Onde, por misterioso encantamento,
O sentir a razão vencer não pode,
Nem a razão vencer ao sentimento.

No fundo de noss'alma um espetáculo
Se levanta de triste majestade,
Se de um lado a razão seu facho acende
De outro os lírios seus planta a saudade.

Melancólica paz domina o sítio,
Só da razão o facho bruxoleia
Quando por entre os lírios da saudade
Do zelo semimorto a serpe ondeia!

Dous limites então na atividade
Conhece o ser pensante, o ser sensível:
Um impossível — a razão escreve,
Escreve o sentimento outro impossível!

Amei-te! os meus extremos compensaste
Com tanta ingratidão, tanta dureza,
Que assim como adorar-te foi loucura,
Mais extremos te dar fora baixeza.

Minh'alma nos seus brios ofendida
De pronto a seus extremos pôs remate,
Que mesmo apaixonada uma alma nobre
Desespera-se, morre, não se abate.

Pode queixar-se inteira a felicidade
De teu olhar de fogo inextinguível,
Acabar minha crença, meu futuro,
Aviltar-me! jamais! É impossível!

Mas a razão, que salva da baixeza
O coração depois de idolatrar-te,
Me anima a abandonar-te, a não querer-te,
Mas a esquecer-te, não, sempre hei de amar-te!

Porém amar-te desse amor latente,
Raio de luz celeste e sempre puro
Que tem no seu passado o seu presente,
E tem no seu presente o seu futuro.

Tão livre, tão despido de interesse,
Que para nunca abandonar seu posto,
Para nunca esquecer-te, nem precisa
Beber, te vendo, vida no teu rosto.

Que, desprezando altivo quantas graças
No teu semblante, no teu porte via,
Adora respeitoso aquela imagem
Que deles copiou na fantasia.

NÃO POSSO MAIS!

Não sei se é vida, porém sei que a morte
Terá de certo menos amargor;
Só sei que a morte tem uma agonia,
E não sei quantas tenho nesta dor!

Os olhos fecha quem a vida perde,
O bem perdido jamais pode ver;
Eu, morto n'alma, fitos os olhos tenho
No bem querido, que não posso ter.

Embora firam desgraçada vítima
Ervados gumes de cruéis punhais,
As dores cessam mal que chega a morte,
Sangue as feridas lhe não vertem mais.

Desta ferida nada o sangue estanca...
A dor recresce mais, e mais pungente;
Morta minha alma para os gozos todos,
Só vê que vive pela dor que se sente.

O céu perdoe a quem assim compensa
Os sacrifícios deste coração;
Porém a mágoa me desvaira a mente:
Se não há crime, como haver perdão?

A fronte curva, delinqüente altivo,
A fronte curva, não és mais que um réu;
Teu bafo impuro, que o pecado alenta,
Acende o raio que te arroja o céu.

Perdão!... mas seja para mim somente,
Nesse olhar terno que o perdão exprime;
Perdão te peço, Querubim celeste;
pune o culpado, mas perdoa o crime.

Rola de bosque, da inocência ao ninho
Eu cego o verme da paixão levei-te;
Anjo risonho, sobre a fronte lisa
A ruga acerba do cismar tracei-te!

Turvei-te a face, nebulei-te os olhos,
Cobri de espinhos o teu santo leito,
E da tristeza, que a minh'alma encobre,
Parte dos goivos te lancei no peito!

Mas Deus puniu-me...! Da sentença austera
Tu escrevias a primeira parte,
Quando a meus rogos de extremoso amante
Só respondias — eu não posso amar-te!

Mas não bastava: — ao martírio imenso
Dobrar devias a cruel tristura;
Num sim de amores que me deste um dia,
Um céu me abriste de falaz ventura.

Mas presto nuvens o horizonte toldam,
De todo nelas a visão se esvai,
E o cego doudo, que fitava os anjos,
De novo em trevas envolvido cai.

Não ter-te, fora já penar bastante;
Perder-te, extremo de cruel penar!
Pensei que a pena se acabava nisto,
Mas inda tinha mais que suportar!...

Desprezo em troca de meu culto; às ânsias
De minha angústia riso mofador,
De ti, daquele a quem me sacrificas,
Para mostrar-lhe todo o teu amor.

Que a fronte calques, que por ti velando
Consome dias, noites sem cessar;
Que a fronte calques, que desdenha o mundo
E varre a terra p'ra teus pés beijar...

É dura afronta, mas com essa afronta
Eu não me avilto, nem me desabono:
É nobre o solo que as rainhas pisam,
Chama-se solo convertido em trono;

Porém que aplaudas, que consintas outro,

Também calcar-me escarnecer de mim...
Eu não me lembro que fizesse um crime,
Que merecesse ser punido assim!...

Estrela d'Alva de divina aurora,
Deixa-me em trevas, é destino meu!
Deus te dirige neste mundo os raios,
Tu não governas o clarão que é teu.

Não quero o riso desbotado e morno
De complacente, caridoso amor;
De amor a planta quem a prova incauto
Morre do fruto, se não goza a flor.

Deus de teus braços me recusa a dita,
Mudo a sentença sofrerei — sou réu;
Banhei meus lábios nos paúis do crime,
Beijar não posso Querubins do céu!

Mas não mereço do escárnio o riso
Mas não sou digno de desprezos tais;
Se me não podes destruir a pena,
Muda o tormento, que *não posso mais!*...

AS DUAS REDENÇÕES

Ao batismo e liberdade de uma menina

Inda uma vez tanjamos
A lira, e mais um hino
Consinta-me o destino
Erguer nos cantos meus;
Que vá, de sons profanos
Despido e desquitado
Em vôo arrebatado,
Voando aos pés de Deus.

Da liberdade a estrela
No berço da inocência
Derrama a providência
De duas redenções;
Mostrando um'alma limpa
Do crime primitivo
No corpo de um cativo
Que quebra os seus grilhões.

Que assunto mais merece
Um hino de poesia?
Que dia tem mais dia?
Que feito tem mais Luz?
Do cativo um anjo
Quebrando infames laços,
À cruz estende os braços
E os braços lhe abre a cruz.

Perfilha Deus o anjo

Na filiação da graça,
E o ser que o crime embaça
Puniu a redenção!
E o homem, dissipando
Do berço insano agravo,
Em menos um escravo
Abraça um novo irmão!

Que foras, inocente,
Que foras, nesta vida,
Da escravidão perdida
No bárbaro bazar!?
Pobre rola ferida
Da infâmia pelo espinho,
Em que ramo, em que ninho
Te havias de aninhar?

Infante, sem afagos,
Temendo-te altiveza,
Querendo-te a vileza
Plantar no coração,
Daríam-te nos gestos,
Nas vestes, no aposento,
Na mesa, no alimento,
Somente — escravidão!

Donzela (oh! sacrilégio!)
Amor, qual flor sem viço,
Mil vezes é serviço
Que fero senhor quer!
É dor que o fel requinta,
Que a ímpia sorte agrava
Daquela que é escrava
Depois de ser mulher!

Se mãe (é mãe escrava!)
Quem sabe se verias
Teu filho mãos ímpias
Do seio te arrancar?
E surdos ao teu pranto
Mandarem-te com calma
Do seio da tua alma
A outro alimentar?!

Criança mas sem veres
Da infância as verdes cores,
Donzela sem amores,
Talvez alam sem Deus!
Não foras arrastada
Da vida pelos trilhos,
Nem tu, e nem teus filhos
Seriam filhos teus.

Ó vós que hoje lhe destes
O dom da liberdade,
Que junto à divindade
Matais a escravidão,

Ao trovador propícios
De ação tão excelente
Em culto reverente...
Guardai esta canção.

Eu sei que haveis guardá-la,
Que em tão santa amizade
Não vem a variedade
Deitar veneno atroz.
Sou vosso desde a infância:
Da vida até o fim
Sereis tanto por mim
Como serei por vós!

AO SR. JOÃO ANTÔNIO DA TRINDADE⁸

Ora de rosas, ora de ciprestes,
As horas da existência coroadas
Voam nas asas do volúvel tempo
Lentas algumas, outras apressadas.

Mas na marcha que levam sinais deixam
De uma vida constante ou transitória:
Umas do esquecimento engole o pego
Outras medram no campo da memória.

Aí frondosas árvores florentes
Os mausoléus que a dor tem levantado
São os frutos que colhe uma alma atenta
Quando vaga nos mundos do passado.

Daí vem que o espírito, voando
Do passado na vasta imensidade,
Ergue às vezes um hino de alegria,
Às vezes chora um pranto de saudade!

Bem-vinda sejam, hora sacrossanta
Das raras festivais — bem-vinda sejam!
Oh! nunca a nuvem negra do desgosto
Ofusque a luz divina que dardejam!

Anos oitenta e dois há, que do mundo
Viu feliz a primeira claridade
Um ente, em quem prudência, brio e honra
Se juntaram, formando uma — TRINDADE!

Despido de brasões, nobre na essência,
De elevado sentir, modesto e puro,
Fazendo do trabalho o seu destino,
Arrancou de si mesmo o seu futuro!

Disse — sou homem! — trabalhou, e fez-se...
Se achou tropeços, fez em mil pedaços:
E sentindo-se, enfim, robustecido,

⁸ Oferecida a seu padrinho João Antônio da Trindade por ocasião do seu octogésimo segundo aniversário.

Piedoso ao aflito estende os braços.

Se as coroas não têm desses pequenos
Que a fama como grandes apregoa,
As virtudes que brilham-te na fronte
Decerto que lhe dão melhor coroa!

É grinalda do céu, de viço eterno,
Onde refulgem, qual celeste orvalho,
Os prantos do indigente agradecido,
As gotas do suor de seu trabalho!

Sus, vivente feliz, bendiz teu fado,
Que o céu a teu favor se pronuncia;
Para bem penetrar-te esta verdade,
Contempla um pouco o quadro deste dia!

Como prêmio, já na vida,
Do teu honesto labor,
Deu-te Deus na terra um Anjo
Que te enxugasse o suor!

Um Anjo de caridade,
De candura e singeleza;
Um Anjo, enfim, adornado
Com os dotes de — TERESA!

Por anos tão numerosos
O Senhor tem conservado
O Anjo sempre contigo,
Tu sempre ao Anjo ligado!

Na tempestade e bonança
Sempre o par se conservou
Unido, como dous ramos
Que o mesmo tronco gerou!

Que nunca se perturbe a paz tranqüila
Deste Par tão ditoso!
Que seja o Filho, qual tem sido sempre,
Uma cópia do pai; e imensos anos
Se renove este dia
Que nos enche de glória e de alegria!

A SRA. D. TERESA MARIA CAETANA DA TRINDADE ⁹

Que importam anos? Uma flor existe
Que, quanto mais por ela o tempo corre
Mais seu aroma e seu verdor aumenta;
Com o tempo revive, nunca morre.

É a virtude, raio que no mundo
Do céu dardeja o sol da eternidade,
Em si bem como Deus o tempo encerra,

⁹ Oferecida a sua madrinha D. Teresa Trindade por ocasião de seu aniversário.

Anos não conta, nem aumenta a idade.

O homem que a contempla, embora viva
Séculos a contemplar-lhe a formosura,
Mais aroma lhe sente, e vê na forma
Mor garbo, mais beleza e mais doçura.

Não, as cãs da velhice não enfeiam
A fronte da matrona virtuosa;
Diadema de prata nela brilha,

Qual na da mocidade brilha a rosa.
Se a grinalda de rosas da donzela
É bela por dizer graça e meiguice,
Exprime mais solenes predicados
A coroa de prata da velhice.

Mostra uma virtude ainda nascente,
As galas, o trajar da juventude,
E a outra, coroa de triunfos,
Que já colheu dos anos a virtude.

SUSPIROS E SAUDADES

Depois de tantas perdas só restou-me
Na soledade,
Em que deixou-me a dor, para consolo
Roxa saudade.

Esta flor, tão estéril nos prazeres,
Quando em retiro
Quase sempre do seio magoado
Brotava um suspiro.

Achava estes suspiros e saudades
Encantadores,
Embora fossem flores da tristeza,
Sempre eram flores.

Demais, quem tem das ditas deste mundo
Chegado ao termo,
Quem traz de ingratidões e desenganos
O peito enfermo;

Quem tem com a flor que às almas venturosas
Do prazer fala?
Que ao ver-lhe o coração trajando luto
Traja de gala?

A tristeza que tendes, minhas flores,
É vosso encanto.
E como éreis formosas orvalhadas
Pelo meu pranto!

Mas secastes também?! Faltou-vos água?
Demais tivestes.

Fogo? Desde nascidas sempre em chamas
De amor vivestes.

Secastes? Com razão, que destas flores
Certo não é
Verdadeiro alimento, água nem fogo
Faltando a fé.

Vivem com fogo e água, se dos prados
Nascem no chão;
Mas não se flores d'alma dentro d'alma
Nascendo vão.

Quando morta a f'licidade,
A fé expira também!
Saudades de que se nutrem?
Os suspiros que alvo têm?

Morta a fé, vai-se a esperança,
Como pois viver pudera
Saudade que não tem crença,
Saudade que desespera?

Onde as graças do passado,
Se altivo gênio sanhudo
O cepticismo nos brada,
Foi mentira, engano tudo?

Em nada creio do mundo:
Ludíbrio da desventura
A felicidade me acena,
Só de um ponto — a sepultura.

Morreram minhas saudades,
E meus suspiros calados
Dentro d'alma pouco a pouco
Vão morrendo sufocados.

OS DOUS BATIZADOS ¹⁰

O fogo santo que dá vida à vida,
Chama-se amor;
Botão de rosa, que o pudor defende,
Quando dous corpos este fogo acende,
Desabrocha em flor.

Chorando sangue a virgindade foge,
E mais não vem:
Botão de rosa, no botão fechada,
Depois que a rosa foi desabrochada,
Vida não tem.

Prossegue o fogo, e faz que a flor aberta
Murchando vá;

¹⁰ Oferecida ao casal Torres, amigos do poeta, por ocasião do batismo de um dos seus filhos.

Mas quase sempre generoso amor
Em recompensa da perdida flor
Um fruto dá.

Desses frutos o mundo se povoa
Em sua imensidade;
Formam eles o grupo da família,
Os reinos, as nações, a maravilha
Chamada humanidade!

Feliz aquele que feliz recolhe
O seu fruto de amor!
Que seguindo da lei divina o trilho,
Como filho de Deus vê no seu filho
Um filho do Senhor!

Feliz o que cumprindo um dever santo
Às santas aras vem,
Fazendo o mesmo que seus pais fizeram,
A Deus, como seus pais outrora o deram,
Seu filho dar também!

Felizes vós portanto neste dia,
Em que da culpa o véu
Rasgando aos olhos de dous novos crentes,
Fizestes de dous anjos inocentes
Dous anjos para o céu!

Folgai, ó anjos, que o espaço é vosso,
A cintilar!
Vede... a estrela da graça se levanta!...
Ganhastes asas nessa pia santa...
Podeis voar!

Voar, meu Deus? Defende-os das torpezas
Do mundo réu;
Pela bondade que teu seio encerra,
Dá que estes anjos sem roçar na terra
Cheguem ao céu!

O DESALENTO

Ao meu amigo Leopoldo Luís da Cunha

Quando eu morrer, minha morte
Não lamentos, caro amigo,
Que o sepulcro é um jazigo
Onde eu devo descansar;
A minha triste existência
É tão pesada, é tão dura,
Que a pedra da sepultura
Já me não pode pesar.

Uma lágrima, um suspiro,
Eis quanto custa o morrer;
Custa-nos sempre o viver

Prantos, suspiros, sem fim!
Que tormento fora a vida,
Se não fosse transitória!?!...
Não me risques da memória,
Porém não chores por mim.

Enchem trevas o sepulcro,
Mas ninguém delas se queixa;
Quando o morto os olhos fecha,
Não quer luz, quer sossegar;
Aquele fundo silêncio,
Aquele extremo abandono,
Dão-lhe tão profundo sono,
Que nem pode despertar.

Já tive medo da morte,
Agora tenho da vida;
Sinto minha alma abatida,
Sem vigor o coração;
Já cansado de viver,
Para a morte os olhos lanço;
Vejo nela o meu descanso,
A minha consolação.

À TERRA NATAL ¹¹

Adeus!... Vou procurar talvez um túmulo
 Longe do teu regaço.
Nunca me foste mãe, mas sou teu filho,
 Concede-me um abraço!

Abençoa-me! — Parto; dá-me a bênção!
 Que ao filho desgraçado,
Mesmo o ser infeliz dá mais direitos
 A ser abençoado.

És rica, eu nada tenho; mas ao nada
 Me soube acostumar;
Dispenso os teus tesouros, mas a bênção
 Não posso dispensar.

Adoro-a, quero-a, sim; porque custou-me
 Aspérrimo desgosto,
Torturas inauditas, conservar-lhe
 Sem manchas este rosto.

Quero de filial doce ventura
 Encher meu coração,
Revedo nela, filho abençoado,
 A minha filiação.

Nunca me foste mãe pelos carinhos;
 Ao menos um sinal
Dá-me, dá-me de mãe, que sou teu filho,

¹¹ Escrita quando o poeta partiu para a Bahia para concluir seu curso de Medicina.

Na bênção maternal.

Adeus!... Perdoa se me queixo; as queixas
Que exalo em minha dor
Ofender-te não devem, que são filhas
De meu ardente amor.

Esses braços ao filho que se aparta
Estende por quem és,
Que o filho por teus braços abraçado
Abraçará teus pés!...

SAUDADES

Da saudade, bem amado,
Nesta ausência tão distante,
Cada vez mais encravado
O espinho penetrante,
O coração sossegado
Me não deixa um só instante.
Como do caos primitivo
Surgiu bela criação,
Do caos da minha tristeza
Da pátria surge a visão!
Tenho saudades dos montes,
Dos ares, dos horizontes
Que à pátria servem de véu;
Saudades dos meus palmares,
Saudades daqueles ares,
Saudades daquele céu!
É puro, mas com ser puro
Este céu me não convém;
Que tendo tantas estrelas
A minha estrela não tem!
Muitas vezes a procuro,
Mas de balde!... um ponto escuro
No seu lugar se fitou;
Conheço e vejo a verdade:
Foi a nuvem da saudade,
Que a minha estrela apagou.
Sim, meu bem, brilhou a estrela
Sem rival nos brilhos seus,
Enquanto a luz recebia
Do lume dos olhos teus;
Quando teus olhos ardentes,
Rutilando de contentes
Iam-se nela fitar.
Hoje que estão desmaiados
Por prantos continuados,
Com seus sóis quase apagados,
Como há de a estrela brilhar?
Cada dia que se passa
Neste desgosto cruel,
Tem novo quadro a desgraça,
Tem a ausência novo fel,
Mais compunge o peito ansiado

Esse espinho envenenado,
Que a saudade me cravou;
E a dor me tem convencido
Que do espinho introduzido
Novo espinho se gerou.
Eu o sinto, quando estreito
Nos meus transportes de dor,
Sobre os lábios, sobre o peito,
O meu talismã de amor;
O meu fiel companheiro
E talvez o derradeiro
Presente de amor, de ti,
Na hora da despedida
Em que tudo (exceto a vida
Para chorar-te) perdi!
Se d'alma a essência celeste
Pudesse ser transmitida,
O retrato que me deste
Não fora um corpo sem vida
Que, ao vê-lo, minh'alma ardente,
No transporte mais veemente,
Sente ao semblante subir,
E nos olhos condensada,
Em lágrimas transformada,
Sobre o retrato cair.
Aos tormentos que já sobram
Novos reúne a saudade;
Os seus negrumes redobram
As sombras da soledade.
Na mente a imagem se agita
Dessa ventura infinita
Que junto a ti desfrutei,
Em quadros tão sedutores,
Quais nunca dos meus amores,
Nem nos sonhos divisei.
O amor com que me abraças,
Então não posso dizer!
Da saudade sinto as asas
No coração me bater;
E contemplando os espaços
Que te roubam aos meus braços,
E que não posso transpor,
Perco a luz, e desmaiada
Cai-me a fronte atordoada
Pelos combates de amor!
Assim passo em tua ausência.
Eis qual é o meu viver!
Melhor que tal existência
Mil vezes fora morrer,
Se não tivesse a esperança
Que venturosa bonança
À tormenta porá fim;
Se não tivesse a certeza
Que me adoras com firmeza,
Que não te esqueces de mim.

EPISTOLA
AO MEU AMIGO F. DE PAULA BRITO

Se dessa nobre irmã, que as mais domina,
Que de gala e de pompa revestida
Majestosa nos ares se reclina:

De tudo quanto há belo enriquecida,
Coberta pelo azul de um céu brilhante,
De sempre verdes prados guarneçada;

Cujos pórticos guarda vigilante
De dia e noite imóvel sentinela,
Um disforme e grandíssimo gigante;

Que tão soberba em forma se revela,
Como amável no trato hospitaleiro
Com que abraça a quem vive à sombra dela;

Se desse pátrio ninho, onde primeiro
Vimos ambos a luz, inda é lembrado
Daquele solo o filho derradeiro;

Ou se em todas as mentes apagado,
Pelo buril eterno d'amizade
Seu nome inda na tua está lembrado;

Recebe nesta um culto de saudade,
De afeto, e desse afeto que termina
Onde encontra seu termo a eternidade;

Desse afeto do céu, que não fascina,
Sol brilhante nos dias de ventura,
Nas dores, da desgraça medicina;

No que te digo vai verdade pura;
As linhas que te escrevo, Brito, amigo,
São alívios à dor que me tortura!

Aqui, por mais que busque, não consigo
Ter por minha de tantas uma hora
Igual àquelas que passei contigo!

Tédio enfadonho tudo me descora;
Marca-me o tempo lentamente a vida,
Que aos outros entes rápido devora!

Parti... e, nessa hora da partida
(Não sei se foi meu corpo, se minh'alma),
Porém um fez do outro a despedida!

Dizem que com o tempo a dor se acalma;
Mas a amante, a quem tal bem sucede,
Ao verdadeiro amante ceda a palma.

Quando a vista ansiosa o espaço mede,
E a imagem divinal do bem perdido

Em vão à terra, ao mar e aos astros pede;

Quando, da perda infausta convencido,
Chega a crer que partiu, a crer n'ausência,
Que já não tem presente o bem querido;

Quando, cedendo à força da evidência,
Nem lhe resta uma nuvem de esperança
Para os olhos vendar da consciência;

Não é decerto um tempo de bonança!
Longe a certeza acorda a tempestade,
Que perto sobre a dúvida descansa!

E quanto mais conhece-se a verdade,
Mais funda, mais pungente e mais dorida,
Se vai abrindo a chaga da saudade!...

É esta aqui, meu Brito, a minha vida!
Nem exagera a pena meu tormento,
Em poéticas tintas embebida!

Tenho n'alma um cruel pressentimento
(Talvez não mui remota profecia
Que não posso apagar do pensamento!)

Espero cedo o meu extremo dia;
E a morte, da pátria tão distante,
É quadro que me abate de agonia!

A saudade tornou-me tolerante!
Que importa ser da pátria desprezado?
Serei sempre da pátria filho amante.

Se outrora, contra ela conspirado,
Os males que me fez lancei-lhe em rosto,
Hoje tudo lhe tenho perdoado.

Dos lances em que a sorte me tem posto
Esquecido, o desgosto de não vê-la
É dos desgostos meus maior desgosto!

Ah! que não fosse a hora de perdê-la,
A hora em que parti!... O sul formoso
É belo, benfazejo, é lar ditoso:
Mas eu tenho no Norte a minha estrela!

BANDO

Eia, Baianos, raiar
Vai na terra do Cruzeiro
Esse dia tão jucundo,
Que, apesar de ser segundo,
Há de sempre ser primeiro!

Não deixes despercebido

O rei dos dias passar,
Mostrai que não sois escravos,
Mostrai que o dia dos bravos
Inda sabeis festejar!

Se o misérrimo que sofre
Da escravidão os rigores,
Às vezes repete a história
Dos seus passados de glória
Nas senzalas dos senhores;

Nós livres, a quem escravos
Inda não pôde fazer
O furor do despotismo,
Nossos feitos de heroísmo
Não devemos esquecer.

Não devemos esquecer
Esse dia, a cuja luz
Os deus dos Americanos
Escreveu — morte aos tiranos —
Nos braços da Santa-Cruz.

Esse dia que provou
Com solene majestade
Ao vil tirano atrevido,
Quanto pode um povo unido,
Quando grita — liberdade —

Com as fronte coroadas
De louros vamos cantar
Hinos aos fortes soldados,
Que valentes, denodados,
Nos souberam libertar.

Todos os ódios se esqueçam,
Demo-nos todos as mãos,
E empenhemos nosso orgulho
Em festejar dous de julho,
Em um banquete d'irmãos!

Nem receeis que algum braço,
Que para nos esmagar
Ocultamente trabalha,
Da nossa mesa a toalha
Venha com sangue manchar.

Não, que tem a liberdade
Seus amores neste dia,
E, temendo as iras dela,
Se atormenta, se arrepela,
Mas não fala a tirania.

Comece pois o festim,
E nas galas sem rival
Entre as ledas comitivas,
Impelido pelos vivos

Rode o carro triunfal.

Saia à noite, que não há de
Cobri-lo da noite o véu;
Brandões hão de iluminá-lo,
De luzes hão de banhá-lo
Os candelabros do céu!

Nele do dia dos livres
Veja o formoso arrebol,
Essa cabocla engraçada
Que tem a face tostada
Dos beijos que deu-lhe o sol!

E quando voltar dirão
Com toda a gente os louvores,
O mar por canhões bradando,
Os ares vivas troando,
A terra brotando flores!

Seja então tudo prazer,
Tudo sonoras canções,
Tudo banquete de bravos,
Tudo remorsos de escravos
Que inda desejam grilhões!

Eia, Baianos, raiar
Vai na terra do Cruzeiro
Esse dia tão jucundo,
Que, apesar de ser segundo,
Há de sempre ser primeiro.

Não deixeis despercebido
O rei dos dias passar,
Mostrai que não sois escravos,
Mostrai que o dia dos bravos
Inda sabeis festejar.

AO DIA DOS FINADOS

Fragmento dos Túmulos

I

Um dia para os mortos, se é que o dia
Nos túmulos penetra.
Entre tantos de riso um só de pranto
Seja sagrado às lousas
Fechadas pela morte, e onde seu selo,
Segunda morte grava o esquecimento.

II

Terra de mortos, deixa que pisem
Os pés dos vivos, deixa; no teu reino
Pedaços d'alma dos que vivem dormem.

Entre os círios funéreos
Arde também amor, geme a saudade.
Mãe extremosa, os restos seus recebes
Quando do mundo inteiro abandonados
Vêm no teu leito procurar descanso.
 O pai idolatrado
 A ti confia o órfão;
Entrega-te seu filho a mãe querida;
 Os irmãos, os amigos
Seus irmãos, seus amigos, te entregaram:
Um dia, ao menos, querem vê-los: — Cede,
 Pois tens tudo o que é seu.

III

Um espírito único
Desgraçado daquele que só teve
Quando peregrinou por estes lares!
O triste foi um tronco sem raízes
Que aos impulsos da sorte foi tombando.
Té que por fim caiu na eternidade.
 Nem há na espécie humana
Infeliz tão bastardo da ventura,
Que tão ermo ficasse sobre a terra.
É uma planta só a humanidade:
Por mais extremo que lhe seja um ramo,
Pela seiva comum é sustentado,
E a cicatriz, que fica se o decotam,
Da vida que se foi narrando a perda,
Da vida que ficou narra a saudade...

IV

Terra de mortos, deixa que dos vivos
As almas se dilatam; frias cinzas
Animar-se não podem; mas são elas
Quinas dos edifícios abatidos
Que o espírito só a Deus conhecem.
Deixai-os divagar nessas ruínas,
Que são domínios seus. — A terna ave,
A quem a companheira arrebataram,
Deixa, ao menos, voar em torno ao ninho.

V

Podeis entrar, fiéis. — Que o pó do mundo
Vos não venha nos pés. — Quando é da vida,
Tudo estranho é aqui; a gala é óbito;
O banquete são preces: Deus reparte
O pão espiritual que o sacerdote
 Prepara nos altares;
São convivas os mortos, que recebem
 Também com ele
O sangue sacrossanto, que enfraquece
Da punição o fogo. — Frágeis lágrimas,
Ah! do mundo não são, tanto que o mundo
 Não as quer nem conhece.

VI

Entremos... Mas... O nível dos sepulcros
Não vejo aqui!!... Marmóreos monumentos
Aqui, ali se erguem distinguindo
O pó do pó que a morte confundira.
Ilusão pueril! É cinzas tudo!
Só diverge a morada no aspecto:
Os donos são iguais.

ÚLTIMO CANTO DO CISNE

Quando eu morrer, não chorem minha morte,
Entreguem meu corpo à sepultura;
Pobre, sem pompas, sejam-lhe a mortalha
Os andrajos que deu-me a desventura.

Não mintam ao sepulcro apresentando
Um rico funeral d'aspecto nobre:
Como agora a zombar me dizem vivo,
Digam-me também morto — aí vai um pobre!

De amigos hipócritas não quero
Públicas provas de afeição fingida;
Deixem-me morto só, como deixaram-me
Lutar contra a má sorte toda a vida.

Outros prantos não quero, que não sejam
Esse pranto de fel amargurado
De minha companheira de infortúnios,
Que me adora apesar de desgraçado.

O pranto, açucena de minh'alma,
Do coração sincero, d'alma sã,
De um anjo que também sente meus males,
De uma virgem que adoro como irmã.

Tenho um jovem amigo, também quero
Que junte em minha Essa os prantos seus
Aos de um pobre ancião que perfilhou-me
Quando a filha entregou-me aos pés de Deus

Dos meus todos eu sei que terei preces,
Saudades, lágrimas também;
Que não tenho a lembrança de ofendê-los
E sei quanta amizade eles me têm.

E tranqüilo, meu Deus, a vós me entrego,
Pecador de mil culpas carregado:
Mas os prantos dos meus perdão vos pedem,
E o muito que também tenho chorado.

HINO

Cantado pelos alunos do Instituto dos Cegos
por ocasião da distribuição dos prêmios
em 1863

SAUDAÇÃO

1º CANTO

CORO

Glória aos anjos que firmando
Deste império a monarquia,
Contra as iras da anarquia,
Do seu trono a glória são.

São duas virgens formosas,
Cujos sublimes destinos
Nos rostos, quase divinos
Bem retratados estão.

Inda que cegos nem vê-las
Por um momento possamos,
É assim que as desenhamos
Em nossa imaginação.

Firmes e ledas na vida
Caminham da glória ao templo,
Guiadas pelo exemplo
Que os pais augustos lhes dão.

O perfume da inocência
Que das flores d'alma exalam
Quando riem, quando falam,
Avassala o coração.

Quem as ouve, embora a mente
Ao trono se não remonte,
Curva os joelhos e a frente,
Para beijar-lhes a mão.

E nós, cegos infelizes,
Quando a destra lhes beijamos,
Dentro d'alma sufocamos
Um pranto de gratidão.

SÚPLICA

2º CANTO

Tu, Ser no qual dos seres
Somente o ser consiste!
Que És ser de quanto existe
Se nutre e reproduz;
Se para a luz nascemos,
Depois da luz criados,
Eis-nos aqui prostrados!

A luz, Senhor! A luz!

A luz, dádiva imensa,
Bela, sublime, santa,
Que deste à terra, à planta,
Ao bruto, aos bons, aos maus!
As nossas mãos tateiam
Abismo negro e fundo;
Aos outros deste o mundo,
A nós somente o caos!

Mas Tu És Ser dos seres
Em que o ser consiste!!
És Ser de quanto existe,
Se nutre e reproduz;
Se para a luz nascemos,
Depois da luz criados,
Eis-nos aqui prostrados!
A luz, Senhor! A luz!

VISÃO

3º CANTO

Silêncio! As trevas desbotam
Seu carregado negror;
Vai pouco a pouco surgindo
Matutino resplendor.

Por entre nuvens de púrpura
Assoma visão celeste,
Real aspecto mostrando
No ar, na forma e na veste.

Cinge um manto, um cetro empunha,
que um dragão tem por emblema;
Vinte estrelas-sóis flamejam
No circ'lo do seu diadema.

Na destra suspende um mundo:
Mais vigoroso que Atlante,
Firme os pés, apóia o cetro
Sobre o dorso de um gigante.

A claridade que o cerca
É seu olhar que a produz;
Não vê somente, dá vista;
Não tem só, difunde a luz.

Dessa luz iluminados,
Com pasmo e prazer profundo,
No vulto reconhecemos
Nosso pai — Pedro Segundo

ALEGRIA E AGRADECIMENTO

4º CANTO

Do corpo os olhos mortos,
Senhor, temos em vida;
Porém na desabrida
Mágoa do mal atroz,

Celeste medicina
A nossa dor acalma;
Propícia aos olhos d'alma
A luz nos vem de vós.

A luz da inteligência,
Crescente pelo estudo,
Na claridade, em tudo
Que a outra vale mais.
A luz externa a tudo
Concede a providência;
A luz da inteligência
Só toca aos racionais;

E esta vos devemos.
O cego desvalido
Por vós hoje instruído
Calcula, escreve e lê,
Se em trevas tropeçando
Só tem no mundo escolhos,
Aos céus levanta os olhos,
E vê o que alma vê.

Monarca no poder,
Monarca na bondade,
Na dupla majestade
Com que sois rei, senhor,
Se tendes quem beijar-vos
A mão de rei deseje,
Mais tendes quem vos beije
A mão de benfeitor.

E quanto as obras vossas
Por Deus são estimadas,
Na esposa e prole amadas
Mais que patente está;
Nas ditas, na ventura
Que tendes no seu grêmio,
Dos bens que dais, em prêmio
Na terra, o céu vos dá.

Deste reinado a história
De glória e f'licidade,
Para adorar-vos há de
O mundo inteiro ler.
Hão de escrevê-la sábios
De méritos subidos,
Mas não de os desvalidos

A mor parte escrever.

Então, também louvando
Voss'alma benfazeja,
Um cego que mais veja,
Dos muitos que aqui estão
(Talvez em prosa altiva,
Ou sublimado metro),
Dirá que o vosso cetro
Dos cegos foi bordão.

SONETOS

LEANDRO E HERO

SONETO I

Hei de, mártir de amor, morrer te amando.

O facho do Helesponto apaga o dia,
Sem que aos olhos de Hero o sono traga,
Que dentro de sua alma não se apaga
O fogo com que o facho se acendia.

Aflita o seu Leandro ao mar pedia,
Que abrandado por ela, a prece afaga,
E traz-lhe o morto amante numa vaga,
(Talvez vaga de amor, inda que fria).

Ao vê-lo pasma, e clama num transporte —
“Leandro!... és morto?!... Que destino infando
“Te conduz aos meus braços desta sorte?!!

“Morreste!... mas... (e às ondas se arrojando
Assim termina já sorvendo a morte)
“*Hei de, mártir de amor, morrer te amando.*”

A UMA INCONSTANTE

SONETO II

É carpir, delirar, morrer por ela!
BOCAGE

De uma ingrata em troféu despedaçado
Meu coração devora amor cruento,
Trocando em fero e bárbaro tormento
Quantos prazeres concedeu-me o fado.

No seio d'alma, já dilacerado,
Negras fúrias do báratro apascento!
Filtra-me o delirante pensamento
De zelos negro fel envenenado.

Desprezo, ingratidão, fria esquivança

Da cruel por quem morro, em tal procela
Apagaram-me a estrela da esperança.

E eu (ao confessá-lo a dor me gela)
Humilhado a seus pés, minha vingança
É carpir, delirar, morrer por ela.

A UM INFELIZ

SONETO III

Geme, geme, mortal infortunado,
É fado teu gemer continuamente:
Perante as leis do Fado és delinqüente,
Sempre tirano algoz terás no Fado.

Mas para não ser mais envenenado
O fel que essa alma bebe, e o mal que sente,
Não te iluda o falaz riso aparente
De um futuro de rosas coroados.

Só males o presente te afiança:
Encrustado de vermes charco imundo
Se te volve o passado na lembrança.

Busca, pois, o da morte ermo profundo:
Despedaça a grinalda da esperança:
Crava os olhos na campa, e deixa o mundo.

A UMA SENHORA

SONETO IV

Dos meus lares, dos meus que choro ausente,
Me vieste acordar saudade ímpia,
Tu, amada do Anjo d'Harmonia,
Que te fazes ouvir tão docemente.

Do piano o teclado obediente
Ao teu tocar encheu-se de magia,
E lá dos mortos na soidão¹² sombria
Operou-se um milagre de repente.

A morte sobre a fouce, entristecida,
Amarguradas lágrimas verteu,
Talvez do fero ofício arrependida!

Bellini do sepulcro a pedra ergueu;
E, cheio de alegria desmedida,
C'um sorriso de glória um — bravo — deu.

À SRA. MARIETA LANDA

*Por ocasião de cantar no teatro de S. João
da cidade da Bahia*

SONETO V

Disseste a nota amena d'alegria,
E, arrebatado então nesse momento
De um doce, divinal contentamento,

¹² Soidão – forma arcaica de solidão.

Eu senti que minh'alma aos céus subia.

Disseste a nota da melancolia,
Negra nuvem toldou-me o pensamento;
Senti que agudo espinho virulento
Do coração as fibras me rompia.

És anjo ou nume, tu que desta sorte
Trazes o peito humano arrebatado
Em sucessivo e rápido transporte?!

Anjo ou nume não és; mas, se te é dado
No canto dar a vida, ou dar a morte,
Tens nas mãos teu Porvir, teu bem, teu fado.

À MESMA SENHORA

SONETO VI

Tão doce como o som da doce avena
Modulada na clave da saudade;
Como a brisa a voar na soledade,
Branda, singela, límpida e serena;

Ora em notas de gozo, ora de pena,
Já cheia de solene majestade,
Já lânguida exprimindo piedade,
Sempre essa voz é bela, sempre amena.

Mulher, do canto teu no dom supremo
A dádiva descubro mais subida
Que de um Deus pode dar o amor paterno.

E minh'alma, num êxtase embebida,
Aos teus lábios deseja um canto eterno,
E, só para gozá-lo, eterna a vida.

À MESMA SENHORA

SONETO VII

Alcíone, perdido o esposo amado,
Ao céu o esposo sem cessar pedia;
Porém as ternas preces surdo ouvia
O céu, de seus amores descuidado.

Em vão o pranto seu d'alma arrancado
Tenta a pedra minar da campa fria;
A morte de seu pranto escarnecia,
De seu cruel penar se ria o fado.

Mas ah! — não fora assim, se a voz tivera
Tão bela, tão gentil, tão doce e clara,
Daquela que hoje neste palco impera.

Se assim cantasse, o túmulo abalara

Do bem querido; e, branda a morte fera,
Vivo o extinto esposo lhe entregara.

O TEMPO ¹³

Deus pede estrita conta de meu tempo,
É forçoso do tempo já dar conta;
Mas, como dar sem tempo tanta conta,
Eu que gastei sem conta tanto tempo?

Para ter minha conta feita a tempo
Dado me foi bem tempo e não foi conta.
Não quis sobrando tempo fazer conta,
Quero hoje fazer conta e falta tempo.

Oh! vós que tendes tempo sem ter conta
Não gasteis esse tempo em passatempo:
Cuidai enquanto é tempo em fazer conta.

Mas, oh! se os que contam com seu tempo
Fizessem desse tempo alguma conta,
Não choravam como eu o não ter tempo.

Para do mundo dar completo cabo,
Lá do negro recinto o soberano
Meditava a forjar horrível plano
Coçando a grenha, sacudindo o rabo.

Merecedor enfim de imenso gabo,
Eis o que assim disse muito ufano:
Para a missão cumprir — digesto humano
Quero fazer — que nasça hoje um diabo.

E o 23 de maio nisso raia...
Teotônio nasceu, e a fama soa
Jamais ter visto infame dessa laia.

Pois para Satã ser mesmo em pessoa,
Traja, qual bruxa velha, negra saia,
Como o rei dos bandalhos tem coroa.

Vendo da peste o bárbaro flagelo
Mil vidas a ceifar a cada instante,
D'África deixa o solo distante
E veio no Brasil curar Otelo.

O semblante imposto negro-amarelo
Cresta do orgulho a chama crepitante,
Traz cheia de vidrinhos o turbante,
E buído punhal por escalpelo.

Homeopata é, e o albergue puro
Do puro Martins busca e diz-lhe ardido:
“Doutor, eu quero ter vosso futuro.”

¹³ Segundo Teixeira de Mello, a autoria não é de Laurindo Rabelo, afirmando ser uma tradução de um soneto francês.

— Bravo! grita o Martins enternecido;
Pelas cinzas de Hahnemann te juro
Que não hás de morrer desconhecido.

SETENÁRIO POÉTICO

CANTO I

*A Providência, a cujos decretos nada
resiste, e de que não é lícito murmurar.*
(Imp. Alexandre da Rússia)

Das soberbas muralhas, tetos d'ouro,
Dos palácios zombando, sem sussurro
Voa o anjo que volve o mundo ao nada!
Com a destra fatal lançando em terra
Tronos, cetros, diademas e tiaras.
Sopram seus lábios hórridos venenos,
Que as flores murcham da infeliz campina
Que o viu passar. A Nápoles seu vôo
Furioso endereça, as asas bate
Sobre o trono, e de luto cobre o sólio,
Na mísera cidade levantando
Monumento credor de pranto eterno!
E lá jaz para sempre, lá repousa
Uma fronte real que inda há bem pouco,
Gingindo áureo diadema, prometera
Idades d'ouro dos Bourbons ao povo.
Inesperado golpe, caso infausto,
Quantos bens nos roubaste no futuro!...
Oh! quantas esperanças destruíste...

Quanto pranto trouxeste!... triste sorte
Dos míseros humanos!... Ilusores,
Magníficos fantasmas da esperança...
Vida, que és tu?!... Caminho breve sempre
Do leito à sepultura! Flor que murcha
Quando mais odorosa nos parece.
E, além das ilusões, quimeras fúteis
De rápidos prazeres soçobrados
Em oceanos de angústias, que nos deixas?...
O que resta de ti?... Só a virtude!
Sim, que a virtude só zomba da morte.
E de pé sobre a laje do sepulcro
Do vivo para o morto um culto pede!
De lá, ó Isabel!, teu nome Augusto
De apoteoses mil cercado surge...
Ele as funéreas trevas aguardava,
Para brilhar no céu, como rutilam
Nos céus os astros, quando a noite arroja
Seu manto opaco e negro sobre a terra.

Junto às portas do céu arremessaste
A túnica de carne, que trajavas

Da milícia da vida nos combates,
Como junto ao portal do alvergue amigo
Arremessa o guerreiro fatigado
As pesadas, inúteis armaduras,
Para gozar tranqüilo e sossegado
Sono de paz em leito abençoado
Por destra paternal. A Glória é tua!

Bem conhece a razão esta verdade;
Mas zomba da razão da mágoa a força;
E, apesar da razão, medra a saudade!...
Quanto mais bela te divisa o mundo,
Mais deseja gozar-te, alma bendita!...
Mais punge a tua ausência o peito ausente
De Teus Filhos, Teus Netos e Teu Povo.
Ah! lança lá do Céu a bênção Tua
Sobre o mundo; consola o mundo aflito...
Faze que o céu nos dê valor, constância,
Para os males sofrer que nos flagelam! —
E, se lá do Empíreo minhas vozes
Gratas te são, acolhe meus suspiros!...
Inspira-me essas frases lamentosas,
Com que de minha dor modero as iras;
Afina a lira débil que votou-te
O Vate Brasileiro aos Régios Manes!

CANTO II

Elle est, elle est à Dieu.....

Lamartine, Harm. Poet.

Isabel, que do mundo fugiste,
Tão brilhante, tão bela e tão pura
Como o sol do horizonte, deixando
Sobre o mundo cair treva escura;

Isabel, que do mundo fugiste
Como fuge louçã Primavera,
Permitindo que o Inverno desbote
Vastos campos que verdes fizera;

Isabel, que do mundo fugiste
Como fuge dos ares no véu
Belo Íris, que aos homens declara
A aliança da terra e do céu;

Se da noite rompendo os negrumes
Torna o sol no horizonte a nascer,
Com a volta trazendo os prazeres
Que, morrendo, fizera morrer;

Se voltando a gentil Primavera
À natureza dá forças, dá vida,
Que perdera de frio gelada
Do inverno na capa envolvido;

Se do Íris a cor tão mimosa
Para sempre se não desvanece,
E depois de nos céus se perder,
Outras vezes nos céus aparece...

Íris, Sol, Primavera Gentil,
Vem de novo na terra brilhar:
Tua augusta presença dá vida,
Tua ausência nos pode matar!...

Vestem noite teus filhos, teu trono,
Traja noite teu povo também;
Chovem prantos dos olhos de todos,
Nem verdumes os campos já têm!

Íris, Sol, Primavera Gentil,
Vem de novo na terra brilhar;
Tua augusta presença dá vida,
Tua ausência nos pode matar!...

Belas flores murcharam tristonhas;
Tem os troncos tristonho prospecto;
Águas turvas sem vida derrama
Na enlutada Campânia o Sabeto.

Íris, Sol, Primavera Gentil,
Vem de novo na terra brilhar:
Tua augusta presença dá vida,
Tua ausência nos pode matar!...

Mas, inúteis são preces aos mortos...
Nunca mais, nunca mais voltará
Cá dos homens ao reino infeliz
Quem no reino dos anjos está.

Ri-te, ri-te nos céus, alma santa;
Goza, goza eternal f'licidade!...
— Isabel deve rir-se na Glória,
Deve o mundo chorar de saudade!!!... —

CANTO III

She went to meet her God.

Elegia à Rainha Carolina de Inglaterra

1º

De Isabel os restos jazem
Lá no recinto sombrio,
No seio da sepultura
Solitário, mudo e frio.
Lá descansa em sono eterno
A Mãe cheia de ternura,
A Rainha que a ventura
Fazia do povo Seu.

Tantas preces, tanto pranto,
Tantas súplicas de amor,
Nada, nada do Senhor
O decreto removeu.

2º

Como juntos d'árvore santa,
Que por ímpios derribada,
Entre os frutos macerados,
Jaz em terra desfolhada,
Choram aves que gozavam
Dos aromas exalados
Das flores, dos sazoados
Belos pomos que brotou;
Saudosas daquela sombra,
Que do sol na intensidade,
No rigor da tempestade
Os seus dias abrigou.

3º

Isabel, assim a gente
Que viveu tão feliz vida,
Pela sombra do Teu manto
Breves tempos acolhida,
Que o aroma das virtudes
De tua alma desfrutara,
Que nos teus filhos depara,
Do seu Deus santa bênção;
Vendo junto dos Teus manes
Tua prole lacrimosa,
Aflita, geme chorosa
Na maior consternação.

4º

Chorai, ó povos! chorai!...
Com vosso pranto fazei
Conhecer ao mundo inteiro
Quanto amais ao vosso Rei!
Mostrai-vos gratos a quem
De vosso bem se incumbiu,
Que convosco repartiu
Seu pensar e seu viver.
Livre deixai esse pranto,
Que o semblante vos inunda,
Da Rainha sem segunda
Na sepultura correr.

5º

Chorai, que vos acompanha
Do bronze o sagrado som,
Porque o bronze também chora,
Quando morre algum Bourbon;
E cá deste meu Brasil,

Onde, cheia de candura,
De virtudes, de doçura,
De Isabel vive Uma Flor,
Com eles irão juntar-se,
Transpondo distância tanta,
Os tristes versos que canta
Brasileiro Trovador.

CANTO IV

Quem como tu, alma angélica!
J. Bonifácio

De novo minhas lágrimas queridas
Dos meus olhos correi em liberdade!...
Vinde aplacar as dores das feridas,

Que da morte alegrando a impiedade,
Me quis fazer no íntimo do peito
O farpão penetrante da saudade.

Convosco, só convosco me deleito,
Porque sois as sensíveis companheiras
Do mortal que não vive satisfeito...

De meus olhos correi, correi ligeiras!...
Molhai da minha lira as cordas tristes,
De minha dor cansadas pregoeiras!

E vós, ó Natureza! que me ouvistes,
Erguer o sonoro alegre canto,
Quando de alegres cantos me incumbistes;

Se agora do pesar me cobre o manto,
Guardai no vosso seio piedoso
As gotas cristalinas do meu pranto!...

Ímpio, cruel decreto, rigoroso
Nos vassalos e reis, fatal, ferino,
Roubou-nos um presente precioso...

Que ao mundo ofertara o Ser Divino.
Feliz! feliz mil vezes quem pudesse
Arrancá-lo do livro do Destino!!!

Por ele dentre nós desaparece
Um ser, dos Querubins cópia fiel,
Que rival em virtude desconhece.

Por ele, na saudade mais cruel
Nos deixou, e caiu na sepultura,
No reino dos finados... Isabel...

Oh! lei inexorável! sorte dura!...
Extinguiu-se tão cedo desta sorte
Das mãos do Criador obra tão pura!

Quem pode compreender o poder forte
Com que, do céu zombando impunemente,
Tudo quanto Deus cria extingue a morte?!...!

A natureza inteira o golpe sente
Do seu terrível braço; tudo chora
Debaixo de seu gládio impaciente.

Do universo ríspida senhora,
O mundo, como fera insaciável,
Pela boca dos túmulos devora!...

Oh! vida triste... vida miserável!
Julgada pelo Céu enfurecido
Como crime de morte imperdoável!...

Mas a luz da razão tenho perdido...
Oh! Céu! até que ponto me arrebatava
De meu pesar o impulso desmedido?!...

Suspende, criatura! a voz recata!...
Que do Céu os desígnios soberanos
Soberba e loucamente desacata!

Oh Isabel! que longe dos humanos
Contas na mais completa f'licidade
Anos por dias, séculos por anos!...

Perdoa se ofendi a majestade
De Teu Deus, maldizendo Seus decretos,
Perdoa meus queixumes indiscretos,
Tudo foi um delírio de saudade!

CANTO V

*Aquela noite sempiterna
Cruel, acerba e triste
Que tu... viste.*

P. M. Bernardes, *floresta*

De luto vestidos os campos estão,
Envolve as cidades das trevas o véu,
A lua não brilha, as outras estrelas
Somente povoam a face do céu.

Ninguém se recreia no triste silêncio,
Na paz, no sossego desta solidão;
Só eu gosto dela, por ver no seu rosto
Descrito o retrato do meu coração.

Contigo me alegro, contigo meu peito
Combina contente, ó noite sombria!...
Do dia não gosto; o sol me aborrece:
Nas noites encontro melhor poesia!

Ó tu minha lira, me dize: não é
Da noite no seio mais belo teu som?...
Teus meigos suspiros, teus ais, teus gemidos
Não tem outra vida, não tem outro tom?...

O mundo inquieto, no estrondo que faz,
Sucumbe teus ecos, sufoca-os no ar:
Em seu labirinto, confuso de dia,
Por mais que lhe fales, não quer te escutar.

Mas quando nas horas remotas da noite
Escuta acordado teu som sedutor,
Ouvindo soluços, que dizem saudade,
Que dizem queixumes, que dizem amor...

Qual peito sensível resiste ao poder,
À doce magia que o vem penetrar?...
E quando termina o toque divino,
Não quer ansioso que torne a voltar?!...

Oh minha adorada! meu bem! minha lira!
Passar não deixemos tão doces momentos!...
Ah! leva em teus sons ao reino ditoso
As tristes idéias de meus pensamentos!...

Com eles, meus versos, velozes voai!
Aos astros dissei meu mal tão cruel;
Dos astros parti à santa morada,
Humildes beijai os pés de Isabel.

Mas louco! não vês que a lira tangida
Por destra tão fraca não pode soar
Vozes tão sonoras e tão duradouras
Que possam da terra aos astros chegar?!...

Que as tristes endechas, que os cantos humildes
De um vate mesquinho tal força não tem?...
Que ao céu voam cantos dos bardos celestes,
Que aos bardos da terra só terra convém?...

Porém, se não podem as vozes da lira
A par de meus cantos à glória chegar,
Tu, alma celeste, dos anjos encanto!...
Bem podes na glória meu canto escutar!...

Escuta, portanto, meus hinos saudosos,
Meus hinos sem flores, sem ostentação:
Com eles recebe na santa morada
Um culto sincero do meu coração!...

CANTO VI

*Una ave sola
Ni canta ni llora.*

Lamentaciones del Solitario

Na primavera da vida
Viu o mundo, sobre o trono,
Isabel aparecer
Tão pura como a inocência,
Tão bela como o prazer.

Sua alma não era humana,
Era um anjo, que do céu
Todas as graças vestia;
Seu corpo templo sagrado,
No qual o anjo vivia.

Mas o brilho desse templo
O tempo, sempre inconstante,
Pouco a pouco destruiu;
Sua bela arquitetura
A ruínas reduziu.

O anjo, que viu caído,
Em terra desmoronado,
Seu asilo encantador,
Foi buscar outra morada
Na mansão do Criador.

Lá ficou, e para sempre!
E o tempo, algoz cruento,
Só a destroços votado,
Vai consumir as ruínas
Do edifício sagrado.

E a cinzas reduzir
Aquele que viu o mundo
O régio ceptro reger,
Tão pura como a inocência,
Tão bela como o prazer.

Mas que importa? pode o tempo
Pela morte auxiliado,
Sua existência ferir;
Há de lá na sepultura
Os seus restos consumir.

Porém triunfam do tempo
Suas heróicas virtudes;
Isabel vive na glória,
Isabel viverá sempre
Do universo na memória.

CANTO VII

*She is no more, but her
memory will last for ever.*

Vida de Lady Kutingdon

Potentados soberbos! vinde, vinde
Ver um quadro sublime,
Onde lampeja a glória da virtude,
E se aniquila o crime!

Isabel sobre o leito d'agonia
Saúda a eternidade,
Que assentada nos túmulos apaga
A luz da majestade...

Instante acerbo, que ao tirano causa
Desusado terror,
Porque vai baquear, cair do trono,
Aos pés de seu Senhor!...

Por ver que no sepulcro se evaporam
Seus queridos emblemas,
Seus mantos, seus palácios e seus tronos,
Seus cetros, seus diademas;

Porque vê, como um astro ensangüentado
Em céu enegrecido,
Sua alma aflita divagar da morte
No lar desconhecido!...

Instante acerbo, em que p'ra consolo
Nem mesmo os olhos seus
Podem por um momento só fixar-se
Sobre os olhos de Deus!...

E com razão bastante contemplá-los
Não pode o infeliz:
Seus crimes são horrendos, Deus é justo,
E Deus é seu Juiz!!!...

O anátema do céu parece ao triste
Do sacerdote a bênção,
E o rosto volta, procurando aflito
Fugir da maldição!

Isabel vê tranqüila da existência
O último raiar;
Nesse instante solene nada pode
Sua alma perturbar!

A lembrança de trono, que perdia,
Não a pode afligir;
Pois lá da sepultura um novo trono
De glória vê surgir.

Não é uma rainha que prostrada
Do sólio cair vai;
É a filha feliz que alegre voa
Aos braços de seu pai.

Nem sequer uma idéia criminosa
Lhe mancha o pensamento,

Que, fixado no céu, tranqüilo espera
O último momento.

As costumadas preces de seus lábios
Ao céu iam parar,
E do céu lhe traziam santas graças
Que a vinham consolar.

Lágrimas verte; mas quanta virtude
Expressa pranto tal?!...
Exprime de seus filhos e do povo
Saudade maternal.

Das asas de sua alma só pena
Ao mundo estava presa;
Que dos filhos no peito segurava
A mão da natureza!

Despegou-se afinal, voou da terra
Ao céu leda e serena,
Para o céu nos levou prazer consigo,
Deixou do mundo a pena.

Só restos insensíveis nos ficaram
Daquele ser benigno;
Só este bem nos deixou na terra
O anjo do destino!...

Ó povos! colocai-o num funéreo
Eterno monumento;
Que a vossa gratidão declare aos séculos
O seu merecimento.

Esta inscrição gravai em letras d'ouro
No régio mausoléu;
"Seu corpo tem altares cá na terra,
"Sua alma lá no céu!..."

FLORES MURCHAS

*Oferecido ao meu amigo e colega
Dr. Sinfrônio O (límpio) Álvares Coelho*

I

Ai! flores de minh'alma! quem matou-vos
Que nem o aroma vos deixou tão grato,
Com que se embalsamava toda inteira
A minha esp'rança? Flores, flores minhas,
Que a inocência plantou na terra nova
Do meu coração virgem, quem ceifado
Vos tem assim dos ramos tão frondosos
Do meu futuro?!... Árvore bem verde,
Bem viçosa e fecunda, era-vos ele
Mantenedor de vida deleitosa,
Que parecia eterna!... mas... caístes!

E nem revivereis, nem outras flores
Como vós colherei, que o tronco enfermo,
Talvez por falta vossa, está mirrado!

II

ROSAS, rosas

Rosas, rosas, que a aurora me atirava
Aos punhados do céu, quando eu menino,
Vendo-a seguir do mar, do céu, dos montes,
Mandava-lhe minh'alma num sorriso
Inocente como ela; que mau gênio
Roubou-vos a meus olhos!... Rosas, rosas,
Que nos brincos da tarde me trazia
Do jardim paternal a irmã correndo
Para me dar em troca de um abraço...
Ai! sempre, rosas, sempre me ganháveis
Por um abraço-mil, por cada pétala
Abrasados de amor — milhões de beijos!
Murchastes de calor?!... foi tanto o fogo,
Que vos matou tão cedo?... Amor não mata;
Gira um vulcão de vida em cada chama
Que acende o facho seu: de um deus amante
A palavra de amor deu vida ao mundo...
Se dei-vos tanto amor, por que morrestes?...
Quem vos murchou tão cedo?... Rosas, rosas
Que nos brincos da tarde me trazia
Do jardim paternal a irmã correndo
Para me dar em troca de um abraço!...

III

Só um bem nesta vida me resta:
De remorsos minh'alma está sã!
Vêm curar-lhe do mundo as feridas
Puras águas da crença cristã.

Sim, eu sei que, apesar de cerrados,
Os teus braços, ó cruz, não têm fim;
Se teus braços abrangem o mundo,
Infinitos estende-os p'ra mim.

Que eles são infinitos quem nega?
Quem não sabe que em todo lugar
Onde um filho estiver do Calvário
Em teus braços se pode arrimar?

Quantas flores colhi neste mundo,
As perdi das paixões no escarcéu:
Em jardim me converte o sepulcro,
A colher dá-me as flores do céu!

IV

Creio em Deus, minha irmã; e tanto creio
Que, vendo lá no céu tua alma pura,

Em vez de maldições, mil bênções voto
À hora em que desceste à sepultura!

Creio em Deus, minha irmã; tanto que espero,
Inda no céu contigo, como outrora,
Frescas rosas colher desabrochadas
À luz dos raios da divina aurora.

Creio em Deus, minha mãe; em tua bênção
Reconheço um tesouro divinal,
Que do trono infinito a mão do Eterno
Segue o traço da bênção maternal.

Creio em Deus, minha mãe; tanto que espero
Qu'inda a terra do meu funéreo leito
— Por teu maternal pranto semeada —
Me brote um verdadeiro amor-perfeito.

Creio em Deus, creio em Deus; o bardo amigo,
E por isso inda creio que, se o fado,
Se não na minha pátria, neste solo
Me permitir morrer junto a teu lado,

Por talismã da fê que nós sagramos
E sincero tributo de amizade,
Na terra que cobrir-me as frias cinzas
Plantarás um suspiro, uma saudade.

Bahia, 4 de agosto de 1854

DELÍRIO E CIÚME

Mais nada resta a suspeitar!... Mais nada
O véu da falsidade encobrir pode!...
Do desengano ao lume, desesp'rada,
Atenta tudo vê, tudo conhece
Minha alma acesa em raiva, acesa em zelos!...
Que pretendias, pérfida?... Que ainda
Perdurasse a ilusão com que risonha
Entretinhas meus loucos pensamentos?
Que da paixão ao sopro envenenado

O lume da razão, perdendo a chama,
Jamais recuperasse?... Não! não pôde
Em mim de amor a força ganhar tanto!...
Mas oh! por que me ufano se ainda escravo
Geme o meu coração? Se inda deseja
Ver da tigre o semblante, ouvir-lhe as vozes?...
Tristes sortes dos míseros amantes,
De ingratos corações vítimas loucas!
Conhecem o algoz! e o algoz só querem!
Maldizem mão cruel, que os assassina,
E só acham nos braços do verdugo,
Alívio para o mal, que os atormenta!
Cegos, que pretendeis achar ventura
Entregues à paixão, que me devora!
Estultos! vede os males que me cercam!
Contemplai minhas ânsias! meus suspiros
Penetrem vossos peitos desgraçados!

Amei uma mulher, julguei que nela
Tudo era belo, tudo amável, terno:
Minha alma embalsamada pelo aroma
De meigas esperanças amorosas,
Só delícias gozava, só prazeres
Quando pensava nela, quando a via;
Meu peito era inocente, e a razão nova.
Na mente virgem de amorosas cenas,
Era a primeira trágica — Marfida! —
Roubou-me com enganos a traidora
Meus primeiros suspiros, meus carinhos,
Meus beijos, minhas queixas, meus desvelos!
Se de ciúme ardente o peito amante,
Irado, contra ela a voz erguia,
Um sorriso somente me bastava
Para apagar a lava em que fervia
Meu coração zeloso! Um olhar terno,

Delirante de amor, aos pés da infida
Em despojo a seus olhos me arrastava!
Num beijo desmaiava, embriagado
Por um licor divino que sentia
Difundir-se dos seus pelos meus lábios!
Quantas ditas gozei! quantos tormentos,
Já me causava a Ingrata antes da infâmia!...
Mas... tudo se passou!... Visões celestes,
Vossa tirana angélica pintura

Em quadros infernais está mudada!...
Leves pincéis de amor tendo quebrado,

Molhou da ingratidão a negra brocha
Nas tintas que as traições lhe ministraram,
E dentro da minha alta só vilezas,
Falsidades venais, cenas infames
Me desenha na mente desvairada!
Oh! como! com que cor, com que prodígio
Vendo estou daqui mesmo dos seus crimes
O retrato fiel, a forma viva!
Crestados pela luz da fantasia
Queimam-se os véus que envolvem o nefando
Leito onde fervem gozos impudicos!
Onde a luxúria treme em corpos trêmulos,
Exalando seu hálito empestado!
Ao sumo em comoção chegaram ambos:
Correm os beijos mais que o pensamento:
Juramentos de amor entrecortados.
Ouvem as fúrias presidindo o ato!
Os corpos mutuamente se comprimem...
E Deus em toda a parte!!!... e tudo vendo!!!...
Nem o respeito ao céu lhe veda o crime
Que acesa a Salamandra em fogo impura,
Tem o céu nos prazeres desonestos

E seu Deus no mortal com que os goza...
E não brada vingança um tal delito?...
Risonha a Natureza a contemplá-la
Parece festejar seus desatinos!...
Bem; sucumba-se a sorte aos céus e ao fado;
Fartem-se com os jorros do meu pranto;
Contém-me as ânsias, contém-me os suspiros,
Formem eles um cântico de glória
Que ao seio paternal do Nume afague!...
Porém... que digo!... Lábios, que fizestes?...
Que disse!... oh! justo Deus! perdoa a Bardo:
Não guiou a razão falsários ditos:
Perdoa, justo céu! são tais palavras
Centelhas do vulcão em que me abraso!
Marfida escuta agora a voz do vate,
Onde a paz já domina; atende um pouco
À voz do coração aniquilado.

Que já livre das fúrias do ciúme,
Inda ardente de amor, mas já sem lavas,
Submergido nas trevas da tristeza,
É qual em fundo bosque, em noite escura,
Esqueleto de choça incendiada,
Sem chama, sem fumaça, em brasa viva!
Argüições não são, meu bem, são rogos!
Rogos, que meigo, terno, lacrimoso,
Suplicante, abatido, d'alma verto!
Marfida! muda um pouco esses transportes!
Dos lábios desse amante que idolatras,
Desapega teus lábios!... vem ao menos
Encostá-los nos meus envenenados

Para dar-lhes o seu contraveneno!
Cede às aflitas preces da minha alma,
Que sedenta te roga algumas horas,

Um minuto sequer de gozo antigo,
Da celeste ilusão dos teus enganos!...
Mas... sucumba a paixão; erga-se o homem!
Quebrem meus pés enfim as vis cadeias,
Que a seus pés arrastei! Miserio louco!...
Escárnio a meu rival, escárnio dela!
A taça em que sorvi divino néctar
Caiu-me aos pés quebrada; os vis fragmentos
Esmaguemos também! Nem mais teu rosto
Venham mostrar-me espelhos da memória!
Vai-te! Vai-te de mim... porém, não! fica,
Fica, que, se tu partes, vai contigo
Todo o meu coração, vai-se minha alma!...
Que ânsia tão aflita me sufoca!
Talvez a morte seja... Vem; não tardes,
Imagem da extinção, imagem santa
Do nada; ponte curta que nos leva
Da ilusão à verdade! Mesmo quando,

Castigo ou prêmio, nada depois dela
Exista para nós, o nada mesmo
Realidade é! Mortais tormentos
Suportará jamais quem não existe;
A vida entre prazeres vale a vida;
Mais que a vida em desgraça vale a morte.
Talvez, talvez, cruel, antes que um dia
Sobre o sepulcro d'outro a luz derrame,
Da vida o fio me rebente a morte!
Talvez amanhã mesmo sobre a campa,
Que meu já frio corpo frio espera,
Tu pises orgulhosa de meu fado!
Vai; que lá mesmo te darão meus manes
Uma prova de mais dos meus tormentos!
Gemidos que ouvirás na minha campa,
Sairão de meu peito inanimado;

Entre suspiros ouvirás teu nome
Por meus já mortos lábios repetido;
Que amor, essencial parte do espírito,
No espírito eterno, eterno viva.

RONDO

Minha lira brandamente,
Delinqüente em leis de amor
Do traidor que tem por crime
O que imprime na razão,
Que lacera a quem afaga
Que propaga em seus ardores
Os horrores da tristeza
Que me pesa na feição,
Tangerei as cordas tuas,

Que são tuas, e não minhas
Que o que tinhas tangedor
Tens de amor a escravidão.

Não mais de outras criaturas
Formosuras cantaremos,
Louvaremos tão-somente
De um só ente a perfeição.
Tirce, a bela moreninha,
Que de minha nada tem,
É, meu bem, a criatura
Que segura meu grillão.
Eu que em vê-la só me esmero
Ser não quero despreendido,
Que embebido no meu rosto
Acho gosto na prisão.

O JORNALEIRO

*É igual a ti mesmo, a ti somente
(Do poema O ganhador)*

Quando ousado o poeta a voz levanta,
Em punho tendo o látigo da sátira,
P'ra castigar hipócritas malvados,
É a voz da verdade a voz que soa!

Desmascarar falsários intrigantes,
O vício espezinhar, punir tartufos,
Velhacos suplantar, caluniadores,
São atos que de austera probidade
Louvor sincero e atenção merecem.
Armados pois, de um retorcido relho,
A um negro covil — talvez o inferno —
Por um forte cabresto bem seguro,
Eu vou buscar um torpe Jornaleiro,
Que entre sujos papéis escrevinhados
(Que só p'ra guardanapo têm valia)
Sentado em tamborete junto à banca,
Tendo nas garras de algum corvo a pena,
Baldões, insultos contra a honra atira!
Trazer pretendo o ganhador escriba
Qual jumento manhoso à praça pública
E expô-lo às apuradas dos moleques,
Por quem apedrejado ser devia...

Quem não conhecerá o Miguelista,
Escória dos sandeus de quem eu falo?!...
Chicanista imoral, doutor em nada,
Insosso prosador — alto pedante —
Que estudar foi na estranja — patacoadas
Para dizer-se aqui homem de letras?
Quem não conhecerá o sábio lente,
Que num certo colégio desta Corte
Ciência geográfica ensinava?
Quem não conhecerá — o que na escola,

Onde quer se instruir jovem guerreiro,
Explicando o direito ensina o torto?!...
O homem que insultava adversários,
Alcunhando-os heróis das “vacas gordas”,

E que agora sedento — a grossa teta
Bem agarrado, chupitar procura?!
Homens raros assim todos conhecem!...

Eu não preciso retratá-lo ao vivo,
Descrever-lhe o carão, onde grudados
— Nos olhos — tem pedaços de vidraça,
O corpo infame, o bojo monstruoso,
Qual um balão de fedorentos gases;
E mostrar o leteiro que na frente
— Em letras garrafais — diz “Ganhador”!
Todos bem sabem de que peça falo:
O trabalho me tira a grande fama
Que por falso, impudente tem ganhado.

Sim, ó grão-Redator (a ti me volvo)
Ao público amador — quero mostrar-te,
P’ra que faça a justiça que mereces...
És qual tarpéia rocha inabalável
Em teu princípio firme-o da calúnia —
És herói dos heróis, quando se trata
De vis aduladores intrigantes!
Um singular portento és na mentira!
Tu és grande! és enorme!! porque arrumas
Patadas, couces mil, no mundo inteiro!!
A natureza pasma ao contemplar-te,
Julgando que não és uma obra sua!
Embasbaca-se o gênio das trapaças
Vendo brilhar o teu saber ingente!
Té o demo — de gosto — pinoteia,
— E berrando que tu, seu protegido,
Que és glória sua comunica à terra!...
E no entanto ninguém teu pai se julga!...

Nem o podem dizer, porque não sabem...
Quem te acendeu nos cascos esses fogos
Que tudo abrasam, sem queimar-te a bola?

Quem és pois? de onde vens? P’ra onde te
[atiras?!...

És abutre — que mágica do Averno —
Em homem transformou p’ra da calúnia
O instrumento ser aqui na terra?
És do zoilo invejoso a alma errante,
Ou um sopro de negra, imunda harpia?
Onde encontraste o ser? a origem tua?...
Veste por acaso do planeta
Que Vulcano por lei dizem chamar-se?
Onde fixaste o norte de teu rumo,
Ó ente singular, teu paradeiro?
Para onde irás tu, quando partires
Deste imenso teatro em que tens feito

O papel mais infame que se pode?!
Abutre, harpia ou sopro, ou quer que sejas,
— És igual a ti mesmo, a ti somente! —
Cansa-se a pena a enumerar teus feitos!
Envergonha-se aquele que o censura,
Olhando para ti, vendo que és homem,
Na figura somente... em nada mais!...

Imortal, Redator do papelucho
A quem um respeitável nome deste
(Sim que o nome da Pátria, para o probo,
Que não p'ra ti, é nome respeitável),
É tempo de voltar ao antro escuro,
Ou p'ra o lugar — ignoro donde hás vindo!
Já muito por aqui de mal tens feito...
As cinzas venerandas revolveste

De um dos heróis da “Independência” nossa!...
Tua missão cumpriu-se!... é tempo, volta...

Era minha intenção trazer-te à praça;
Mas desisto da empresa!... A puros homens
É um crime mostrar torpes figuras,
Negros quadros, que infâmias representam!
Vai-te! fuge daqui! do vate a destra
Só cordas vibra de doiradas liras:

Se indignado empunha o forte relho
Para surrar hipócritas malvados,
Envergonha-se logo do que há feito!
É nobre o fim p'ra que o Poeta nasce;
E não para amansar bestas bravias
Ou corrigir sicários sevandijas!...

ODE

A D. Carlota Leal Milliet

*(Na noite de seu benefício em 16 de agosto
de 1858)*

Tem um destino o gênio
Só é livre na terra o que é pequeno;
É fatal o sublime,
Que o sublime é de Deus e não do mundo.

Olhos gravados nos fanais brilhantes
De ridente futuro,
Embora desejo incendiado
Aos hinos o arremesse,
Que retumbas nas mesas opulentas
De altivos Baltasares,
De rojo contra as urzes da desgraça

Há de cair o Gênio;
De rojo há de ir por elas,

Arrastado por destra misteriosa,
Que dest'arte o remonta a ignoto alcáçar.

O ÉPICO DO — FIAT

Zela em extremo a palma aos seus diletos;
Que o viço lhe desbotem não consente;
Quando eles descuidados não a velam,
Ante seus olhos amortalha o mundo,
E na dor os obriga,
Com lágrimas de sangue, a dar-lhe orvalho.

O anjo d'Harmonia no teu seio
Jazia encarcerado,
Deixando a furto apenas
Ouvir em curto canto as notas mágicas
Da sua voz divina,

Por não haver um templo
Onde pudesse desferir seus vãos;
Abriu-se o templo d'Arte!...
Eia, Sacerdotisa, o altar te toca!
Norma de *Norma*, chega!
Já a língua de Euterpe é língua tua!

Lua e sol d'Harmonia ao mesmo tempo,
É tua voz Proteu do sentimento
Nas notas que desliza!
O Estro de Bellini nas doçuras
Da língua portuguesa mais se adoça,
Só lhe falta a doçura do teu canto.
Norma de *Norma*, chega!
Já a língua de Euterpe é língua tua!

O FUROR CIUMENTO

Da mãe, que pelo amante empunha o ferro
Para cravar nos filhos, pede o fogo,
Que em teus olhos dardeja o sol dos trópicos;
A clave do gemido brasileiro
Pede a prece da filha
Que os filhos recomenda ao amor paterno;
Norma de *Norma*, chega!
Já a língua de Euterpe é língua tua!

Chegaste!... dos desgostos pela senda,
Arrastada por destra misteriosa,
Que dest'arte guiou-te ao ignoto alcáçar
Recebe, pois, um ósculo da Poesia,
Que Música e Poesia
Irmãs nos louros, beijam-se na floria.
Sus, Rainha do Canto, o cetro empunha!
Reina, que, se não reinas
No mundo d'harmonia,
Reinar não pode a cena brasileira.

AOS ANOS DE UM RESPEITÁVEL ANCIÃO

I

Já seca pende morta essa grinalda
Que outrora me adornou!
Da inspiração a luz que me animava
De todo se apagou!...

Os astros de luz tão bela
Estão sem claridade;
Apagaram-se todos, mal ergueu-se
O astro da verdade

Fui livre quando, louco! no infinito
Voava da demência;
A razão cativou minh'alma presa
Nos ferros da evidência.

Fecharam-se os jardins da fantasia,
Nem há mais uma flor!
Domina-me a razão — como ser livre,
Sendo de mim senhor?

Se, conhecendo o mundo limitado
Perante os meus projetos,
Os vôos enfreei do entusiasmo,
Prendi os meus afetos?

Minh'alma nos limites circunscrita
Da franca humanidade,
Abandonou a posse do infinito
Perdeu a liberdade.

A lanterna da exp'riência
Com seu escasso clarão
Não pode mostrar imagens
Do mundo da inspiração.

A verdade deste mundo
Seca, morta, sem fulgor,
Não deixa medrar as flores
Da palma do trovador.

A pobre realidade
Que o mundo inteiro respira:
O trovador não encontra
Nas notas da sua lira.

Das verdades deste mundo
A misérrima visão
Adormece, mata, extingue
O fogo da inspiração.

Mas, assim como a lâmpada que exala

AS LÁGRIMAS

Lágrimas, lágrimas tristes,
Não deixeis os olhos meus,
Que por vós eternamente,
Aos prazeres disse adeus.

Para ter indisputáveis
Direitos ao nosso amor,
Arranquei-vos da minh'alma,
Sois filhos, de minha dor.

Minha vida, agreste planta
De desertos areais,
Ao sol das paixões vivendo,
Expira se a não regais.

Para ter indisputáveis
Direitos ao nosso amor,
Arranquei-vos da minh'alma,
Sois filhos, de minha dor.

CIÚME E RAZÃO

I

E perdi-a! e nem mais uma esperança,
Sequer, me alenta nesta dor terrível,
Que hei de, não mudo só, porém me rindo
Devorar em segredo até a morte!

Suportar um tormento
Que ao menos em gemidos

Vai-se em parte exalando; a febre, a sede
Do amor e da saudade mitigar-se
Com lágrimas, é bem que só conhece,
Quando o céu lhe recusa, o desgraçado!

E não hei de chorar, chorar não quero,
Não quero, porque as bagas do meu pranto
Enfeitam a coroa
Que ele cinge, feliz, nos braços dela!

II

Excede à força humana este martírio;
Mas, louvores ao céu, minha alma sinto
 Resignada e pronta.
Benéfica razão serve de alâmpada
Das minhas ilusões à sepultura!
Amarga como o fel sempre a verdade
Quando do amor é o erro, mas não cospem-na
Lábios que a ingratidão beijar rejeitam.

III

Sim, hei de consumir o sacrifício;
Nem súplicas, nem queixas há de ouvir-me;
Do Coração no fundo hei de trancá-las
Ao vê-la, ao vê-los, e saudar contente
Do amor de ambas a ventura e os gozos!

Daquele olhar d'arcanjo cujos raios,
 Como punhais de fogo,
Do coração as fibras me laceram,
Hei de fitar a luz sem perturbar-me;
 E morrer impassível,
Quando nos olhos dele minha vida
Em delíquio amoroso depuserem!

IV

Nobre altivez as preces me proíbe,
Assim como a razão proíbe as queixas
Que lhe posso pedir que dar-me possa?
Desejava um amor puro, espontâneo,
Desses que nascem nos segredos d'alma
Que ao simples choque de um olhar acordam
Para não mais dormir. Queria os vôos
Desse amor desvelado, procurando
Dentro em meu coração fazer um ninho;
Observar em êxtase os milagres
Do proteísmo ser; colhê-lo em rosas
Nas chamas do rubor que acende um beijo
Senti-lo gelo após alguma ausência
 Num susto de saudades,
 E no doce apertar de um longo abraço
No seio me cair, tépida lágrima.
Não me pode dar tanto. Da vontade
Os domínios amor nas asas prende;
Se quando se quisesse amor nascesse,

Quando se não quisesse amor findara!
Inda que a minhas preces comovida,
Dissesse-me tudo que desejo agora,
Faltava em tudo o mel que amor destila
E unicamente amor!...
 Anjo inocente,
Não queixo-me de ti, regem os fados
Das sensações o mundo; aos afetos

O céu a cada um deu seu destino;
O tesouro que guardas no teu seio

Foi destinado a outrem;
Os desígnios do céu foram cumpridos
E assim tu, sem querer, me deste a morte!...
Grosseiros corações, almas estreitas
Mancham o querubim que os encantara,
Porque as asas lhe nega; generoso,
Inimitável, crescente o meu afeto
Das ânsias no martírio se acrisola;

Por cada golpe que me dás no peito,
Nova chama de amor me acendes n'alma,
Extinta a minha última esperança
No árido deserto em que me arrojas.
Inda busco uma flor para enfeitar-te!
Não, não hei de acusar-te, mesmo quando
Na explosão de meus gelos mais pungentes

Me for a mágoa de te haver perdido.
És a imagem querida do meu êxtase;
Intacta ficarás. Por entre a nuvem
Que o infortúnio lançou-me sobre os olhos,
A mesma me será no pensamento,
Benfazeja visão de um sonho eterno!

ANGÚSTIA

Quando morta a f'licidade,
A fé expira também!
Saudades de que se nutrem?
Os suspiros, que alvo têm?

Morta a fé, vai-se a esperança;
Como pois, viver pudera
Saudade que não tem crença,
Saudade que desespera?

Onde as graças do passado,
Se altivo gênio sanhudo
O cepticismo nos brada,
Foi mentira, engano tudo?

Em nada creio do mundo:
Ludíbrio da desventura,
A felicidade me acena
Só de um ponto — a sepultura.

Morreram minhas saudades,
E nem suspiros calados
Dentro d'alma pouco a pouco
Vão morrendo sufocados.

IMPROVISOS
AS POTÊNCIAS DO OCIDENTE

As Potências do Ocidente
Com as Águias e os Leões,
Ou tomam Sebastopol,
Ou deixam de ser nações.

Paula Brito

Já de suportar cansado
Tanta injúria moscovita,
Um povo acolá se agita
Da guerra soltando o brado!
Dos canhões de Rei mitrado
Retumba o eco imponente,
Que em defesa da inocente
Frac, mas briosa terra,
Acorda, e convida à guerra
As potências do Ocidente.

Eram rivais... mas que importa!
Um povo herói tudo esquece,
Se outro povo, que padece,
A defendê-lo o exorta.
Não, cair não há de a Porta,
Não há de rojar grilhões,
Não há de que seus brasões
Vão defender com pujança
A Inglaterra e a França
Com as Águias e os Leões.

Ei-las no campo de glória,
Que com puro sangue lavam,
E cada luta que travam
É uma nova vitória!...
Da humanidade e da história
Seguidas pelo farol,
Juram ambas pelo sol
Dos livres, em que se abram,
Que Sebastopol arrasam,
Ou tomam Sebastopol.

Hão de tomá-la!... arrastada
Do autocrata a bandeira,
Há de ser a pregoeira
Desta verdade sagrada:
“Que nações que pela espada
“Pretendem usurpações,
“Que, vis escravos, grilhões
“Às suas irmãs destinam,
“Ou como Tróia terminam,
“*Ou deixam de ser nações.*”

O QUE FAZ MINHA DOR

*Um pensamento de morte,
Uma lembrança de amor,
Uma esperança perdida,
Eis o que faz minha dor!...*

Tive no mundo da mente
Formosos dias serenos,
Como os do céu sempre amemos
Em doce paz inocente.
Dos desgostos a torrente
Em um rápido transporte,
Por má vontade da sorte,
Me fizeram num momento
Do meu feliz pensamento
“Um pensamento de morte!”

A minha alma escureceu-se
Do pensamento nublada,
E a mente desnorteada
Em negro caos converteu-se!
Um mar de pranto — estendeu-se
Naquele mundo de horror;
E no medonho fragor
Da tormenta desabrida
Vaga nas ondas, perdida,
“Uma lembrança de amor!”

Cresce a celeste batalha,
E na vasta escuridade
Sem cessar, da tempestade
O raio o manto retalha
A flutuante mortalha,
Vaga sempre! Convertida
Aquele idéia de vida
Num sudário desta sorte,
Retrata, emblema da morte
“Uma esperança perdida.”

Em pé firme e solitária,
Minh'alma fora insensível
À tempestade terrível,
Contínua, crescente e vária!...
Mas a veste mortuária,
Que das ondas vai na flor,
Mortalha do meu amor,
Dantes saudosa lembrança...
Hoje perdida esperança...
“Eis o que faz minha dor!...”

O FAROL DA LIBERDADE ¹⁴

*Na terra da Santa Cruz,
Que enlutava atroz maldade,
Já solta brilhante luz
O Farol da Liberdade.*

Que vejo?... a Rússia tremendo
Sob despótica espada?!...
Forte Hungria derrotada
Entre cadeias gemendo,
A Itália a frente abatendo
Ante o fanático Jus?!...
Liberdade!... se de luz
Precisas, responde, fala,
Aqui temos, vem buscá-la
Na terra de Santa Cruz.

Famoso povo guerreiro,
Por nós hospitalizado,
Contra nós sem causa irado
Nos levou ao cativoiro!
Em seu jugo carniceiro
Choramos longa orfandade!
Nossos campos, nossa herdade,
De cadáveres cobertos,
Eram funéreos desertos
Que enlutava atroz maldade.

Mas nossos brios um dia
Contra os ímpios acordaram,
E os combates rebentaram
Entre nós e a tirania!
A estrela que conduziu
Colombo à terra da Cruz,
Que os grandes povos conduz
Ao templo da Liberdade,
Dos Andes na sumidade
Já solta brilhante luz.

Ao seu divino clarão
Pedro o filho dessa terra
Que dispunha em nova guerra
Lançar-nos novo grilhão,
Acorda... fíta a visão,
Toma a espada, o campo invade,
Embebe-a na claridade
Que da estrela se desprende,
E com ela acesa acende
O Farol da Liberdade.

¹⁴ Poesia para festejar o dia 7 de setembro.

À MINHA MULHER

Lembranças do nosso amor

Da morte o sopro gelado,
Não me apagando a existência,
No coração com veemência
Sinto seu passado apressado.
Ai quando, bem adorado,
Minha alma daqui se for,
Disfarça teu dissabor,
Resiste à força veemente,
Mas nunca risques da mente
Lembranças do nosso amor.

Nada tenho que deixar-te
De fortuna nem de glória,
Nada me aponta a memória
Que possa morto legar-te;
Se nada deve ficar-te
Mais que saudades e dor,
Bálsamo consolador
À dolorosa ferida
Hão de ser-te nesta vida
Lembranças do nosso amor.

Lembrar um bem adorado
Na dor da saudade ausente,
É mesmo sê-lo presente,
Inda que seja passado.
Ser por ti sempre lembrado,
Como em vida morto for,
Por influxo encantador
Deste mistério profundo,
Hão de ser-te nesse mundo
Lembranças do nosso amor.

AO AVISTAR O RIO DE JANEIRO

Despe as nuvens que encobrem
Sol da minha f'licidade
Que abre a flor dos meus prazeres
Santo orvalho da amizade.

Respiro os ares da pátria
Contemplo os encantos seus;
Os meus contentes me abraçam,
Eu contente abraço os meus.

Meu Deus, meu Deus, não consintas
Que a pátria torne a deixar;
Que da segunda ferida
Talvez não possa escapar!

Se no íntimo a primeira

Feria-me d'alma a raiz,
Bem pode inteira cortá-la
Segunda na cicatriz.

Completa a cura, não deixes
De novo o mal renascer;
Que amarga mais que a desgraça
A negaça do prazer.

Não suceda à cruz rojada
Mais pesada nova cruz,
Não condenes mais às trevas
O cego a quem deste a luz.

Mote

*Quem Feliz-asno se chama
De-certo é asno feliz.*

Glosa

Se Camões cantou Gama
Por seus feitos de valor,
Também merece um cantor
Quem Feliz-asno se chama.

Qualquer burro pela lama
Enterra pata e nariz,
Mas este, que com ardis
Chegou a ser senador,
É besta d'alto primor,
É decerto asno feliz.

Mote

*Beijo a mão que me condena
A ser sempre desgraçado;
Obedeço ao meu destino,
Respeito o poder do Fado.*

(Pe. José Maurício)

Glosa

Como a adorei, não exprime,
Não diz humana linguagem;
Ninguém traçar pode a imagem;
Daquele amor tão sublime!
A cruel, por este crime,
Eterno pranto me ordena.
E eu, vítima da pena
Da minha amorosa ofensa,
Sem argüir a sentença
Beijo a mão que me condena!

Sentindo a perseverança
Da paixão que me domina,

De achar ao mal medicina
Não alimento esperança,
Não sinto a menor mudança
Neste amor tão malfadado;
Se este amor exagerado
A mil desgraças me liga,
Esta constança me obriga
A ser sempre desgraçado!

Há um destino. — A razão
Da paixão na imensa vaga
De pronto seu facho apaga,
E nos deixa a escuridão!
Desse destino a impulsão
Eu sinto se me examino:
Sem luz, sem guia e sem tino,
Nada cogito, nem quero;
Não penso, não delibero,
Obedeço ao meu destino.

Quando em calma cogitava,
Calmo, estudando a verdade,
A razão e a liberdade
Sempre fortes, figurava,
Mas ai, triste! nem sonhava
Ver-me um dia neste estado!
Agora desenganado
Por tão acerba lição,
Mais que ao poder da razão,
Respeito o poder do Fado!

Mote

*Ainda no mar do ciúme
Fervem centelhas de amor.*

Glosa

Do amor o ardente lume
Eterno nunca se apaga
Arde por baixo da vaga;
Da suspeita o azedume
Ainda no mar do ciúme.

Não lhe dissipa o fulgor,
Tanto que quando o amador
Chora da ingrata o quebranto,
Por entre as bagas do pranto
Fervem centelhas de amor.

Mote

*Dois corações que se amam,
Sem falar se comunicam.*

Glosa

A freira, que madre chamam,

E o frade, que é frei Carvalho,
Sustentam com seu trabalho
Dois corações que se amam.

E tão bem se verificam
Com manobras tão seguras
Que, trabalhando às escuras,
Sem falar se comunicam.

Mote

*Soa o bronze, expira o dia,
Eu triste fico a gemer;
Eis qual vive o infeliz
Eis aqui pois, meu viver.*

Glosa

Já luziu no firmamento
Do sol a luz radiante,
Já seu raio fulgurante
Deu ao mundo luzimento;
Com sublime encantamento
Já espargiu a alegria;
Porém, ó céu, quem diria
Que o sol havia expirar?!
Lá o vejo descambar,
Soa o bronze, expira o dia.

Vendo pois, da natureza
O quadro todo mudado,
Comparo-me ao seu estado,
Me punge mortal tristeza
Já não vendo esta beleza
Que o sol faz o mundo ter.
Vendo a noite já descer
Com suas cores de morte,
Lendo nela minha sorte,
Eu fico triste a gemer.

Assim entregue ao azar
Triste vítima do fado,
Vivo sempre contristado
E de contínuo a penar;
Debalde busco encontrar
Da felicidade o matiz
Tudo que me cerca diz:
“Vê lá das trevas no horror
A imagem triste da dor;
Eis qual vive o infeliz.”

Ouçõ a sentença da sorte,
Mais se magoa o meu peito,
E ainda à vida sujeito,
Lamento não ver a morte,
De dor em vivo transporte,
Só desejo não morrer;

Desejo então mais sofrer,
Porém, como sou cativo,
Nem posso morrer nem vivo.
Eis aqui o meu viver.

Mote

*Junto de uma sepultura
À sombra de seu salgueiro,
Lamentando a minha sorte,
Chorei o meu cativo.*

Glosa

Como rompe cintilante
O fuzil ferrenho véu
De tempestuoso céu
E o deixa negrejante,
Nasceu, morreu num instante
A minha doce ventura.
Aflito em tanta amargura,
Buscando então consolar-me,
Solitário fui sentar-me
Junto de uma sepultura.

Ali, triste meditando
Em minha cruenta sorte,
Parecia estar co' a morte
Horas felizes passando.
Da brisa o sussurro brando,
A corrente do ribeiro,
Das flores o grato cheiro
Nada achava então suave
Era qual dos mortos ave
À sombra de seu salgueiro.

Toquei a laje pesada
Penetrado de agonia,
Sentiu essa pedra fria
Minha alma, triste, gelada.
Eis que a voz descompassada
Ouvi do canto da morte;
Pareceu-me em um transporte
Seu triste acento escutando,
Que também 'stava chorando,
Lamentando a minha sorte.

Então, já desesperado,
Entregue a pungente dor,
Conheci todo o rigor
De meu desumano fado;
E nesse penoso estado,
À sombra desse salgueiro
Que me era tão lisonjeiro
Por exprimir minha sorte,
Em tristes hinos de morte
Chorei o meu cativo.

Mote

*Quebrou amor por despeito
As cordas da minha lira.*

Glosa

Porque me não viu sujeito
De Marília aos ternos braços,
De minha ventura os laços
Quebrou amor por despeito.

Com isto não satisfeito,
Cego nume aceso em ira,
Do estro o fogo me tira
E desde o fatal momento
Rebentaram sem alento
As cordas da minha lira.

Um cartucho de confeito,
Num dia de patuscada,
Nas ventas da minha amada,
Quebrou amor por despeito.

Ela, vendo o tal sujeito,
Com uma pedra lhe atira;
Mas amor, p'ra que o não fira,
Faz o corpo desviar
E a pedra foi quebrar
As cordas da minha lira.

Mote

*Pagode sem bebedeira
Não é coisa de rapazes.*

Glosa

O meu bem em certa feira
Em que comigo se achava,
Disse que não adotava
Pagode sem bebedeira.

Repreendendo-a da asneira
Lhe disse: “Márcia, o que fazes?”
Ela então, fazendo as pazes,
Respondeu-me com carinho;
“Gentes, pagode sem vinho
Não é coisa de rapazes.”

Mote

*Ou são quatro as Graças belas
Ou tu és uma das três.*

Glosa

Ou no beco das Cancelas
Há uma Graça fugida
Por vir do empíreo corrida,
Ou são quatro as Graças belas,
Uma moça igual a elas
Lá encontrei uma vez

Em certa noite de Reis
E lhe disse uma chalaça:
“Ou há de mais uma Graça,
Ou tu és uma das três.”

Mote

*Um só momento de amor
Faz feliz um desgraçado.*

Glosa

Ao meu cruel dissabor
Vou morrer; vem dar-me Armia,
Como tacha de agonia,
Um só momento de amor

Dá-me, dá-me por favor
Um suspiro, um ai magoado;
Que um ai de amor, temperado
Em duro e cruel transporte,
Até nas ânsias da morte
Faz feliz um desgraçado.

EPIGRAMAS

A um calvo pretensioso

Cabeça, triste é dizê-lo!
Cabeça, que desconsolo!
Por fora não tem cabelo,
Por dentro não tem miolo.

Outras versões

Vejam só esta cabeça!
Oh! meu Deus, que desconsolo!
Por fora não tem cabelo,
Por dentro não tem miolo.

(Edição Melo Braga, p. 344)

Cabeça!... Que desconsolo!

Cabeça!... Força é dizê-lo
Por fora não tem cabelo,
Por dentro não tem miolo.

(Antologia Brasileira, de Werneck,
13ª ed. p. 606)

Dizem que a Morte e Maurício
Andaram na mesma escola:
A Morte mata somente;
Maurício mata e esfola.

Cravo, rosa, em jarra fina
De ver tenho tido ensejo.
Mas, senhora, flor em tina
É a primeira vez que vejo.

Deus, para provar aos homens
Toda a sua autoridade,
Enviou-nos um bom tempo
Que é pior que a tempestade.

Causa pena e causa espanto,
E até mesmo causa dó
Ver morder a tanta gente
Um homem de um dente só.

Para mostrar que é um sábio
E filho de boa gente
E dos passados ministros
Ser em tudo diferente,

Sua Excelência da Guerra
Em tudo o que der à luz
Em vez de assinar de nome
Pretende assinar de cruz.

A peça *Degolação*
Foi mui bem representada.
Entre os muitos inocentes
Foi a peça degolada.

Cada um de nós no mundo
Fazemos nossa figura;
Tu entisicas as partes
Eu me encarrego da cura.

MODINHAS

FOI EM MANHÃ DE ESTIO

Foi em manhã de estio
De um prado entre os verdores,
Que eu vi os meus amores
Sozinha a cogitar.

Ceguei-me a ela,
Tremeu de pejo...
Furtei-lhe um beijo,
Pôs-se a chorar.

Eram-lhe aquelas lágrimas
Na face nacarada
Per'las da madrugada
Nas rosas da manhã.

Santificada
Naquele instante,
Não era amante,
Era uma irmã.

Dobrados os joelhos
Os braços lhe estendia,
Nos olhos me luzia
Meu inocente amor.

Domina a virgem
Doce quebranto,
Seca-se o pranto,
Cresce o rubor.

Nestes teus lábios
De rubra cor,
Quando tu ris-te
Sorri-se amor.

Dos lindos olhos,
Tens o fulgor,
Se p'ra mim olhas
Raios de amor.

De teus cabelos
De negra cor,
Forjam cadeias
Brincando amor.

Neles p'ra sempre,
Servo ou senhor,
Viver quisera
Preso de amor.

Rosas que tingem
Fresco rubor
Nas tuas faces
Espalha amor.

Se de minh'alma
Com todo o ardor,
Chego a beijá-las
Morro de amor.
Tua alma é pura
Celeste flor,
Só aquecida

Por sóis de amor.

Já em ternura,
Já em rigor,
Dá vida e morte,
Ambas de amor.

Quando a perturba
Casto pudor,
Encolhe as asas
Tremendo amor.

Se do ciúme
Sente o fulgor,
Em mar de chamas
Se afoga amor.

Se me concedes
Terno favor
Terei por lume
Somente amor.

Porém no templo
Mandarei pôr
O teu retrato
Em vez de amor.

A DESPEDIDA

(Romance)

Adeus, adeus, é chegada
A hora da despedida.
Vou, que importa se te deixo
Neste adeus a minha vida.

Foste ingrata aos meus extremos,
Não te peço gratidão;
Perdão — para os meus carinhos,
Aos meus amores — perdão!

Eu era ente da terra,
Eras um querubim!
Deus tirou-te dos seus anjos,
Não nasceste para mim.

Perdoa a meus amores
Esta estulta elevação;
Perdão para os meus carinhos,
Aos meus amores — perdão!

O crime que cometi
Foi muito punido já,
Castigou-me o teu desprezo,
Maior castigo não há.

Castigado, reconheço
Quanto é justa a punição.
Perdão — para os meus carinhos,
Aos meus amores — perdão!

Pouca vida já me resta!
Eu sinto que esta amargura
Tão intensa muito cedo
Há de abrir-me a sepultura.

Do crime que fiz de amar-te,
Vem dar-me a absolvição:
Perdão — para os meus carinhos,
Aos meus amores — perdão!

Se me adoras, se me queres,
Como dizes com ardor,
Dá-me um beijo tão-somente
Em prova do teu amor...

A paixão em que me abraso
Dilacera o peito meu...
Dá-me prazer, dá-me vida,
Dá-me, dá-me, um beijo teu.

Amor anima e acende
Em chamas do céu nascidas...
Dois corações num abraço,
Em um beijo duas vidas.

Uma vida que me falta...,
A metade do meu ser
Quero num beijo amoroso
Dos teus lábios receber.

Sumiu-se, mas ainda escuto,
Seus gemidos, que aflição!
E esta mancha deste sangue
Não se apaga. Oh! maldição!

Espectro, descansa,
Que ao triste homicida
As dores do inferno
Começam na vida.

Ei-lo ali com o mesmo ferro.
Oh! que terror! que tortura!
Cavando junto a meu leito,
A abrir-me a sepultura.

Espectro, piedade;
Não caves assim...
Eu dei-te um só golpe
Tu mil sobre mim.

Acabou-se a minha crença,
Sem crença devo morrer:
Quando deixei de crer nela,
No que mais poderei crer?

Onde a verdade
Pode fulgir,
Se até um anjo
Sabe mentir?

Como um anjo me jurou,
Como um anjo me sorriu,
Como um anjo perjurou,
Quebrou a jura — mentiu!

Onde a verdade...

No olhar e nas palavras
Onde a inocência respira,
Em tudo que diz — verdade,
Só encontrei a mentira.

Onde a verdade...

Que mais desejas?
Tudo te dei;
De tudo em troca
Nada alcancei.

Dei-te meu peito
Em pranto e ais;
Dei-te minha alma;
Que queres mais?

Juraste eterna
Fidelidade;
Seguiu-se à jura
A falsidade.

Em toda parte
Vejo rivais;
A fé perdi-te,
Não creio mais.

Se não me queres,
Se não me adoras,
Quando me queixo
Que tens que choras?

Ah! não me prendes
No pranto teu;
Não quero um pranto

Que não é meu.

Mas, oh! perdoa!
Foi ilusão;
Dos meus tormentos
Tem compaixão.

Perdoa, esquece
O meu rigor;
Não fere a ofensa
Que vem de amor.

AO TROVADOR

Trovador, o que tens, o que sofres,
Por que choras com tanta aflição?
O teu pranto assaz me compunge,
Trovador, ah! não chores mais não!

Se acaso a mulher que tu amas
Te tratou com acerbo rigor,
Trovador, ah! por isso não chores,
Oh! não creias, por Deus, em amor.

O amor da mulher é a nuvem
Quando o vento a impele no ar...
O amor da mulher é volúvel,
É tão vário qual onda do mar.

O amor da mulher é um frágil
Pequenino, adoidado batel,
Que vagueia sem norte, sem rumo,
Té quebrar-se em ignoto parcel.

O amor da mulher é luzerna
Numa noite de inverno a luzir;
É estrela do céu entre nuvens
Que a furto se vê reluzir.

A mulher tem o dom da beleza
Tem maneiras que sabem levar...
Mas no meio de seus atrativos
A mulher tem o dom de enganar.

Um exemplo tu tens em Helena
Que os muros de Tróia abateu,
Que infida, deixando o consorte,
Para os braços de Páris correu.

A mulher tem feitiço nos olhos
E nos lábios veneno letal;
A mulher nos ilude chorando
E sorrindo nos crava o punhal.

O amor da mulher, como a rosa
Desabrocha, mas logo fenece;

A quem hoje a mulher idolatra,
Amanhã menospreza, aborrece.

Trovador, ah! esquece essa ingrata,
Não mendigues a sua afeição;
Oh! despreza a quem te maltrata,
Não suspires por ela mais não!

Eu sinto angústias
Me sufocar;
Não há remédio,
Senão chorar.

Eia, choremos;
Comece o canto;
Também cantando
Se verte o pranto.

O canto às vezes
É brisa d'alma
Que o mal consola
E a dor acalma.

E cada letra
Que o canto diz,
Um ai exprime
Do infeliz!

O canto é prece
Que voa a Deus,
Se um triste canta
Os males seus...

E livre o canto
No ar se isola;
O céu penetra
E Deus consola.

Depois que a ingrata
Feriu-me tanto,
Que de mim fora,
Sem este canto!...

Talvez que as chagas
Fossem mortais,
Se as não curasse
Com estes ais.

RISO E MORTE

Eu vim ao mundo chorando,
Chorar é o meu viver;
Quando eu deixar de chorar,
Estou prestes a morrer.

Quando a alma ao infortúnio

Assim ligado se tem,
Como termo da desgraça
A morte não longe vem.

Quando eu deixar de chorar,
Quando contente me rir,
Não se enganem, desconfiem,
Que não tardo a sucumbir.

Vem, oh! morte, ver meu pranto.
Não receies, podes vir;
Choro nos braços da vida,
Nos teus braços me hei de rir.

Muitas vezes um prazer
Que parece de ventura,
Não é mais que um riso d'alma
Vendo perto a sepultura.

O feliz ri-se da vida
Por ver nela o seu jardim;
O desgraçado, na morte
Por ver da desgraça o fim.

O CEGO DE AMOR ¹⁵

Pensam que vejo, não vejo,
Não vejo, que cego estou;
De que me servem os olhos,
Se minha luz se apagou?

Ah! não deixes que me perca
Nesta imensa escuridão;
Ó anjo que me cegaste,
Vem ao menos dar-me a mão.

Ao avistar-te nos olhos
A luz divina senti,
E por perder-te de vista,
A minha vista perdi.

Ah! não deixes...

Se eu cair, dá-me teus braços,
Dá-me pelo amor de Deus,
Que talvez recobre a vista
Caindo nos braços teus.

Ah! não deixes...

JÁ NÃO VIVE A MINHA FLOR

¹⁵ Nos Anais da Fundação Biblioteca Nacional, volume 3, artigo sobre Laurindo Rabelo, Teixeira de Melo faz a seguinte pergunta: “Tem certeza o Sr. Dias da Silva que são de Laurindo as modinhas O cego de amor e Descrença?”

Perdeu a flor de meus dias
Todo o perfume de amor,
Ramo seco pende d'alma,
Já não vive a minha flor!

O tempo, que tudo muda
Não minora a minha dor;
Já não tenho primavera,
Já não vive a minha flor.

Só encontro no deserto
Bafejo consolador;
Fechai-vos, jardins do mundo,
Já não vive a minha flor.

NÃO TEM DÓ DO MEU PENAR

A serva ingrata querendo
Mais minha dor aumentar,
Sorrindo bebe meu pranto;
Não tem dó do meu penar.

Para as chagas da minh'alma
Mais dolorosas tornar,
Nas chagas cospe desprezos;
Não tem dó do meu penar.

Zelando a vida que odeia,
Que deseja torturar,
Não mata, sangra as feridas;
Não tem dó do meu penar.

A ingrata, a fementida,
Me jurou constante amar;
Hoje entregue a meu rival
Não tem dó do meu penar.

Esse coração ingrato
Que nada pode abalar,
Petrificando meu pranto
Não tem dó do meu penar.

Das saudades que na ausência
Fizera amor vegetar,
Arranca d'alma as raízes
Não tem dó do meu penar.

O punhal n'alma me enterra
E depois de apunhalar,
Conta as gotas, bebe o sangue;
Não tem dó do meu penar.

Dos olhos que fitos nela
Nunca cessam de chorar,
Sedenta pede mais prantos;

Não tem dó do meu penar.

Nestas veias cujo sangue
Muito cedo há de esgotar,
Injeta o fel do ciúme;
Não tem dó do meu penar.

Com meus ais faço no céu
De dor os astros chorar;
Lília, tão perto de mim,
Não tem dó do meu penar.

Ao ver-me continuamente
De pranto o rosto banhar,
Além de aumentar meu pranto,
Não tem dó do meu penar.

A mesma morte a quem peço
Venha meus dias cortar,
Cruenta foge de mim;
Não tem dó do meu penar.

Em vez de vir compassiva
Minha dor aliviar,
Sorrindo vê o meu pranto;
Não tem dó do meu penar.

Busco às vezes negra noite
Para meu pranto ocultar;
O dia rouba-me as trevas,
Não tem dó do meu penar.

De males furor insano
Sobre ti vá me vingar,
Já que tu, traidora ingrata,
Não tem dó do meu penar.

É AQUI... BEM VEJO A CAMPA

É aqui... bem vejo a campa
Onde jazem meus amores,
O perfume de su'alma
Inda sinto nestas flores.

Aqui nasceram saudades
Plantadas por minha mão,
Nasceram — devem regá-las
Pranto do meu coração.

Pranto amargo de minh'alma
Orvalhe bem estas flores...
Verta aqui saudosa mágoa
Que sinto por meus amores.

Aqui nasceram saudades, etc.

BEIJO DE AMOR

Se me queres ver ainda,
Recobra da vida a flor;
Deixa remoçar-me a vida
Um beijo de teu amor.

De minha vida a ventura
Teus lábios guardam consigo,
Dá-me um só beijo e verás
Se é mentira o que eu te digo.

Como a flor, do sol a um beijo,
Se quiseses, podes ver,
A minh'alma, semimorta,
Num teu beijo reviver.

De minha vida a ventura, etc.

Só esperá-lo me alenta,
Me conforta o fado meu;
Imagina só por isso
Quanto pode um beijo teu.

De minha vida a ventura, etc.

A ROMÃ (*lundu*)

Entre as frutas que há no mundo
Não há uma fruta irmã
Na beleza e na doçura
Da que se chama romã.

Tem coroa de rainha,
Roxa cor na casca tem,
Quando racha, me retrata
A boquinha de meu bem.

Nos meus lábios sequiosos
Dum néctar sinto a doçura
Quando sedento lhe ponho
A boca na rachadura.

Pela primeira vez vi
Num jardim pela manhã,
O meu bem que em vez de flores
Só trazia uma romã.

DE TI FIQUEI TÃO ESCRAVO

De ti fiquei tão escravo
Depois que teus olhos vi,
Que só vivo por teus olhos,
Não posso viver sem ti.

Contemplando o teu semblante

Sinto a vida me escapar.
Num teu olhar perco a vida,
Ressuscito noutro olhar.

Mas é tão doce
Morrer assim.
Lília, não deixes
De olhar p'ra mim.

Num raio de teus olhares
Minh'alma inteira perdi.
Se tens minh'alma nos olhos,
Não posso viver sem ti.

A qualquer parte que os volvas,
Minh'alma sinto voar,
Inda que livre nas asas,
Preso só no teu olhar.

Mas é tão doce
Prisão assim.
Lília, não deixes
De olhar p'ra mim.

Que era meu fado ser teu
Ao ver-te reconheci,
Não se muda a lei do fado,
Não posso viver sem ti.

Por não ver inda completa
Minha doce escravidão,
Se me ferem teus olhares,
Choro sobre meu grilhão.

Mas é tão doce
Prisão assim.
Lília, não deixes
De olhar p'ra mim.